# LIÇÕES DE PSICODRAMA

INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO DE J. L. MORENO

Camila Salles Gonçalves José Roberto Wolff Wilson Castello de Almeida



Copyright © 1988 by Camila Salles Gonçalves, José Roberto Wolff e Wilson Castello de Almeida

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, guardada pelo sistema "retrieval" ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, seja eletrônico, mecânico, de fotocópia, de gravação, ou outros, sem prévia autorização por escrito da Editora.

Capa:
Roberto Strauss

Todos os direitos reservados pela Editora ÁGORA Ltda. Caixa Postal 62.564 01295 - São Paulo - SP

# ÍNDICE

Pró	logo	7
1.	APRESENTAÇÃO DE J. L. MORENO	11
2.	LOCALIZAÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL	19
3.	QUATRO MOMENTOS CRIATIVOS Religioso e Filosófico, 35; Teatral e Terapêutico, 36; Sociológico e Grupal, 36; Organização e Consolidação, 38.	35
4.	TEORIA SOCIONÔMICA Sociodinâmica, 41; Sociometria, 42; Sociatria, 43.	41
5.	A VISÃO MORENIANA DO HOMEM O Homem como Agente Espontâneo, 45; O Nascimento e o Fator E, 45; A Revolução Criadora, 46; Espontaneidade e Criatividade, 46; Criatividade versus Conserva Cultural, 47; O Fator Tele, 48; Tele e Empatia, 49; Tele e Transferência, 50; A Medida do Fator Tele, 51; Tele e Encontro, 51; O Encontro, 52; A Teoria do Momento, 54; O "Aqui e Agora", 55; Co-Consciente e Co-Inconsciente, 55; Co-Inconsciente e Inversão de Papéis, 56.	45
6.	A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE A Matriz de Identidade, 59; Átomo Social, 62; As Redes Sociométricas, 64.	59

	TEORIA DOS PAPÉIS  A Origem dos Papéis na Matriz de Identidade, 68; Papéis Psicossomáticos, 69; Papéis Sociais e Papéis Psicodramáticos, 71; Papéis Psicodramáticos no Psicodrama, 73; Papéis Complementares, 74.	65
1 11	TEORIA DA AÇÃO  Ação Espontânea e Desempenho de Papel, 75; Ação Espontânea, Seinismo e Convalidação Existencial, 76; Ação Espontânea e Fatores Intervenientes, 76; Ação no Psicodrama: a Dramatização, 78; Ação, Aquecimento e Teoria da Técnica, 79; Aquecimento Inespecífico e Emergência do Protagonista, 79; Aquecimento Específico e Dramatização, 79; Dramatização e Papéis não Vividos, 80; Passagem ao Ato — Acting-out, 81; Catarse de Integração, 81; A Catarse do Grupo, 82.	75
	TÉCNICAS  Técnicas Históricas, 83; Resistências, 85; Técnicas Básicas, 87; Outras Técnicas, 89; Onirodrama, 92; Como Dramatizar, 94.	83
	PRÁTICA PSICODRAMÁTICA  Contextos, 97; Instrumentos, 99; Etapas, 101.  EPÍLOGO  Roteiro para Leitura Linear de Moreno, 103; Roteiro para Leitura em Ziguezague, 106.	97
	iografia Básica	109

### **PRÓLOGO**

Neste prólogo ou "exposição do drama ao público", respeitando a tradição teatral, cabe mencionar a consagração de J. L. Moreno como criador do Psicodrama, do Sociodrama, da Psicoterapia de Grupo e como expoente no âmbito da Psicologia Social e das psicoterapias.

Médico, revolucionário em suas propostas, esse "Orson Welles da Psicoterapia de Grupo" emergiu na década de 20 com novas possibilidades criativas para o teatro e para a psicoterapia.

Ao longo do tempo, dialogando sobre a obra do criador do Psicodrama, permitimo-nos uma aproximação das questões mais frequentes formuladas pelos alunos, que iniciam sua formação regular em Psicoterapia e em Sociometria, e por todos os demais interessados no tema.

A psicoterapia e a dinâmica de grupo têm revelado resultados práticos inegáveis em vários países, e especialmente no Brasil, onde as idéias de Moreno ganharam o interesse de educadores, sociólogos, psicólogos e psiquiatras. Com o amplo leque de aplicações \* de suas técnicas,

<sup>\*</sup> Aplicações do Psicodrama:

<sup>-</sup> Como Psicoterapia processual, sistematizada, individual ou grupal;

<sup>-</sup> como Psicoterapia breve;

<sup>—</sup> como "ato terapêutico" tipo vivências, Psicodrama público, workshop, teatro, sessões abertas, jornal vivo, que valem como Psicoterapia de sensibilização, mobilização sociodinâmica e como forma de divulgação da técnica;

como estudo diagnóstico e terapêutico de grupos sociais identificados: comunidades, grupos raciais, clubes, associações, escolas, partidos políticos:

sobressai-se o movimento de psicoterapia, hoje organizado na Federação Brasileira de Psicodrama (FEBRAP), com dezenas de associações federadas e um universo de milhares de profissionais, entre alunos, professores e psicoterapeutas, todos estudando, praticando, discutindo e criando o Psicodrama brasileiro.

Ensinando Teoria do Psicodrama uma coisa pareceunos certa: faltava um livro didático que fizesse a apresentação de Moreno, que sistematizasse suas teses e encaminhasse o estudante na leitura de sua obra.

Talvez a melhor lição, para nós, das experiências mencionadas, tenha sido a que nos mostrou o quanto a simplicidade é desejável, se pretendemos aprender ou ensinar alguma coisa. Alguns anos talvez nos autorizem agora a indicar passos firmes e simples para quem deseja deslindar o emaranhado conceitual de Moreno ou para quem começa a se perguntar "do que se trata".

Em relação à Teoria do Psicodrama, com certeza não estamos dando a última palavra. Nosso intuito é exatamente o de oferecer as primeiras palavras, uma introdução própria e apropriadamente dita.

Apresentamos um acesso às primeiras respostas. Situamos as descobertas de Moreno na história de sua vida e no contexto da clínica e de outras práticas psico e sociodramáticas. O vocabulário e os conceitos fundamentais da teoria estão expostos da maneira mais clara e aberta a que nos foi possível chegar. Rente a Moreno, nossa leitura e paráfrase não se propõem como simplificação, mas como

<sup>—</sup> como estudo diagnóstico e terapêutico de grupos sociais configurados: prisões, reformatórios, conventos, asilos;

como estudo diagnóstico e terapêutico das Instituições, nos seus aspectos burocráticos e globals;

<sup>-</sup> como processo pedagógico, como metodologia de ensino;

<sup>—</sup> como processo de aperfeiçoamento das relações humanas em casa, na escola, no trabalho e na convivência social de modo geral;

como processo de treinamento de lideranças grupais e comunitárias;
 como processo de pesquisa no campo da assistência e do trabalho social;

 <sup>—</sup> como processo de treinamento específico de pessoal e equipes profissionais.

### INDEX BOOKS GROUPS

sistematização, para informar o estudo inicial, concluindo com a sugestão de outras veredas, para quem tirou proveito da viagem.

São Paulo, inverno de 1988

Camila Salles Gonçalves José Roberto Wolff Wilson Castello de Almeida



# IDAMONE S BOOKINS

### 1

## APRESENTAÇÃO DE J. L. MORENO

É muito importante que se conheça a biografia do médico Jacob Levy Moreno, pois é nela que encontramos os primórdios do desenvolvimento do Psicodrama, como teoria e técnica psicoterápica. Figura extrovertida, carismática, bom orador, vitalidade para o trabalho, dele se dizia: "Sabe o que faz e faz o que sabe".

Em relação à data e ao local de nascimento existe controvérsia, esclarecida pelas pesquisas de Gheorge Bratescu, que afirma ser 6 de maio de 1889 a data exata do nascimento de J. L. Moreno, na cidade de Bucarest, na Romênia. Moreno era de origem judaica (sefardim); sua família veio da península ibérica e radicou-se na Romênia na época da Inquisição.

Mais ou menos aos 5 anos de idade mudou-se com a família para Viena, numa casa próxima ao rio Danúbio, onde viveu uma experiência interessante, que foi a brincadeira de ser deus. Ele e várias outras crianças brincavam de "deus e anjos" no porão de sua casa; o céu tinha vários planos, formados por caixotes empilhados em cima de uma velha mesa com uma cadeira no alto que era o trono de deus; e lá estava o "menino-deus Moreno" sentado, quando um dos anjos solicitou que voasse e ele o fez, estatelando-se no chão e fraturando o braço direito.

Moreno refere-se com humor a esse episódio dizendo que estava aí o embrião de sua idéia da espontaneidade como centelhas divinas em cada um de nós.

Até 1920 a vida de Moreno teve uma característica religiosa marcante. Entre 1907 e 1910, Moreno e alguns

amigos, Chaim Kelmer (hassid de Chermovitz), Jan Pheda, de Praga, Hans Brouchkach, de Viena, e Andreas Pethö, de Budapest, formaram a "Religião do Encontro". Expressando sua rebeldia diante dos costumes estabelecidos, usavam barbas e viviam pelas ruas à maneira dos mais pobres; e nesse período Moreno ia aos jardins de Viena, onde fazia jogos de improviso com as crianças, favorecendo-lhes a espontaneidade.

Estudando na Faculdade de Medicina, em 1912, já interno da Clínica Psiquiátrica de Viena (serviço do prof. Otto Pötzl), conheceu Freud num curso de verão, que este ministrava naquela faculdade.

Juntamente com um jornalista e um médico venereologista fez, em 1914, um trabalho com as prostitutas vienenses utilizando-se de técnicas grupais, conscientizando-as de sua situação, o que favoreceu a organização de uma espécie de sindicato em Amspittelberg.

Por volta de 1916 trabalhou num campo de refugiados tiroleses, observando as interações psicológicas entre os elementos do grupo.

Formou-se em medicina em 1917.

De 1917 até 1920 colaborou com a *Daimon Magazine*, a revista existencialista e expressionista dominante naquele período, juntamente com Martin Buber, Max Scheller, Jakob Wasserman, Kafka e outros. Em 1918 teve contato direto com o filósofo Martin Buber, que se torna colaborador da revista.

Em 1920 publicou anominamente Das Testament des Vaters (O Testamento do Pai), traduzido para o espanhol como Las Palavras del Padre. Sua inclinação maior nessa época era para o teatro onde, segundo ele próprio, existiam "possibilidades ilimitadas para a investigação da espontaneidade no plano experimental". Fundou, em 1921, o Teatro Vienense da Espontaneidade, experiência que constituiu a base de suas idéias da Psicoterapia de Grupo e do Psicodrama.

A primeira sessão psicodramática oficial deu-se no dia 1º de abril de 1921, no Komödien Haus de Viena, onde Moreno apresentou-se sozinho; e, ao abrir a cortina, havia apenas uma cadeira de veludo vermelho, espaldar alto e dourado, como um trono real, e em cima da cadeira, uma coroa. O público era composto em sua maioria de curiosos habitantes de Viena pós-guerra, uma cidade que fervia em revolta e onde não havia governo estável e nenhum líder. O tema era a busca de uma nova ordem de coisas, testar cada um dos que, do público, aspirasse à liderança, e que atuaria como rei; ao público caberia o papel de júri. O que ocorreu é descrito pelo próprio Moreno: "...ninguém foi considerado digno de ser rei e o mundo permaneceu sem líder".

Ainda em 1921 funda o Stegreiftheater, também chamado "laboratório Stegreif", situado à Rua Mayseder, perto da Ópera de Viena, que em 1922 passou a ser patrocinado pelo irmão William Levy Moreno.

O próprio Moreno vê no período em que se dedicou ao teatro uma transição de sua fase religiosa para a científica. Diz que superada a fase religiosa, em vez de fundar uma seita, ingressar num mosteiro, ou criar uma teologia, aproveitou sua idéia da "espontaneidade como natureza primordial, que é imortal e reaparece em cada nova geração" para se rebelar contra o falseamento das instituições sociais (da Família à Igreja) e à robotização do ser humano. No teatro ele vislumbrava a possibilidade de iniciar sua revolução a partir da investigação da espontaneidade no plano experimental.

A filosofia da espontaneidade já anunciara seu início com a publicação na *Daimon Magazine* dos três diálogos: "A divindade como autor", "A divindade como orador" e "A divindade como ator".

Sua vocação para o teatro era antiga. Vinha das brincadeiras infantis, como a "brincadeira de ser deus", que ele quis que constasse em sua biografia. Passa pelas encenações dos contos de fada nos jardins de Augarten, com

as crianças que ali frequentavam. No ano de 1911 encena no Teatro das Crianças de Viena — o Kinderbuhne a peça Os Feitos de Zarathustra, com a proposta de experimentar "um teatro perfeitamente real".

Seu interesse pelo teatro não era uma coisa isolada. O mundo daquele tempo vivia a preocupação de revolucionar essa forma de expressão cultural. Já em 1905 Stanislavski criara o estúdio experimental de teatro; também nesse ano Max Reinhardt quebrou a convenção entre palco e platéia e levou o teatro para as igrejas e circos. Em 1917 Pirandello alcançava sucesso com seu teatro psicológico, e em 1927 Artaud fundava o teatro de vanguarda propondo a "catarse do terror".

Pesquisas situam Moreno como um dos precursores dessas preocupações e experiências mundiais no campo teatral.

A proposta de Moreno despertou muito interesse, mas discutia-se a possibilidade de fazer teatro realmente espontâneo. Público e crítica ficaram "de olho". Quando se conseguia representação autêntica, correta do ponto de vista artístico, acusavam-no, e aos artistas, de terem ensaiado cuidadosamente. Quando havia fracasso, com dramatizações não convincentes, carentes de vitalidade, argumentavam que a proposta era inviável. Com esse tipo de crítica, veiculada pelos jornais em suas colunas especializadas, o movimento de público começou a cair, tornando a tarefa impossível do ponto de vista financeiro. Ao lado disso os atores, que até então trabalhavam sob a direção de Moreno, começaram a abandoná-lo, trocando a experiência pelo teatro "normal", mais estável sob todos os aspectos. Moreno percebia o quanto era difícil mudar a atitude fundamental da platéia e dos críticos, o que, se conseguido, equivaleria à verdadeira revolução cultural.

A partir das dificuldades ele não se deu por vencido e criou o "jornal vivo", depois denominado "jornal dramatizado". Pretendia ser uma síntese entre o jornal diário e o teatro. Moreno via nas redações dos jornais afinidades

com o teatro espontâneo, pois ali chegavam, de modo dinâmico, os acontecimentos sociais, culturais em forma de notícias, sempre novas e variadas. Ele, então, usava a técnica do jornal vivo não como repetição ou recitação das notícias, mas sim como dramatização a partir da notícia. Desde logo ficou claro que aquele modo de trabalhar as "manchetes" dos jornais diários junto ao grupo participante era maneira alternativa para a "crise" do teatro da espontaneidade. Sem o saber, naquele momento estavam lançadas as raízes do Sociodrama.

Mas Moreno ainda não ficara satisfeito com o que estava fazendo. Dizia, então, que não via o significado mais profundo do carisma que procurava encontrar em suas propostas. Resolveu fazer teatro espontâneo com pacientes psiquiátricos. Nessa altura da vida já se formara em medicina e frequentara a Clínica Psiquiátrica do prof. Otto Pötzl.

Aos atores profissionais que haviam permanecido fiéis ao seu trabalho transformou em "egos-auxiliares". Passou a ter mais tolerância com os resultados do trabalho, pois as imperfeições e irregularidades eram melhor acolhidas em "clima terapêutico". Por esse tempo o teatro era quase só catártico, mas aí delineava-se o Psicodrama enquanto Psicoterapia.

É durante esse trabalho do teatro espontâneo com pacientes, em 1923, que surge, através de acontecimento imprevisto, o caso Bárbara-Jorge, que caracterizou o início do Teatro Terapêutico.

Bárbara era uma atriz, que sempre participava do Teatro da Espontaneidade, famosa pelo seu desempenho em papéis doces, românticos e ingênuos. Jorge era um jovem poeta e autor teatral, que se apaixona por Bárbara. Pouco tempo depois deu-se o casamento dos dois. Mais tarde Jorge procura Moreno dizendo que não é mais possível viver com Bárbara, pois esta em casa é uma terrível megera, extremamente agressiva e violenta, que nada tem a ver com a

doce e meiga Bárbara do teatro. Nessa noite, Moreno pede a Bárbara que faça papéis mais vulgares e dá a ela o papel de uma prostituta atacada e assassinada por um estranho. Bárbara está perfeita no papel e sai feliz do teatro; daí em diante ela continua a desempenhar papéis desse tipo. Jorge sempre dá informações a Moreno dizendo que ela está diferente, mais calma e, quando começa a enfurecer-se, ri e percebe que já havia representado isso no teatro e até comenta com o marido, o qual passa a perceber diferenças em seu próprio comportamento e na sua compreensão de Bárbara.

Alguns meses depois os dois estão muito bem e realmente encontram um ao outro pela primeira vez. Moreno diz: "Analisei o desenvolvimento de seu psicodrama, sessão por sessão, e relatei-lhes a história de sua cura".

Assim, o Teatro da Espontaneidade transforma-se em Teatro Terapêutico e este no Psicodrama Terapêutico; aqui também, neste episódio, está o embrião do psicodrama de casal e de família.

Em 1925 Moreno emigra para os EUA por razões particulares, dizem alguns; por dificuldades para a aceitação de suas idéias na Europa, dizem outros. Em 1927 faz a primeira apresentação do Psicodrama fora da Europa, e a partir de 1929 apresenta-se no Carnegie Hall e Civic Repertory Theatre, pois é marcada sua ligação com o teatro.

Em 1931 introduz o termo Psicoterapia de Grupo e este fica sendo o ano verdadeiro do início da Psicoterapia de Grupo científica, embora suas idéias e experiências já viessem de Viena. Publica a revista *Impromptu* sobre Psicoterapia de Grupo, a primeira no gênero.

A partir de seus trabalhos numa escola de reeducação de jovens em Hudson, Nova York, volta sua atenção para a investigação e mensuração das relações interpessoais, firmando-se assim os métodos da Sociometria, que durante

a Segunda Guerra são utilizados para a seleção de oficiais americanos.

Moreno considera o advento da Psicoterapia de Grupo, do Psicodrama e da Sociometria como a terceira revolução psiquiátrica, após a primeira revolução com Philipe Pinel que, em 1772, na Revolução Francesa, soltou as correntes dos alienados, tratando-os com humanidade, e o surgimento da Psicanálise de Sigmund Freud, que se constituiu na segunda revolução.

Em 1936 Moreno muda-se para Beacon House, distante 90 km de Nova York, e constrói ali o primeiro Teatro de Psicodrama, doado por uma amiga e admiradora Madame Franchot Tone, onde funcionou até 1982 um centro de formação de profissionais, além da realização semanal de sessões com psicodrama público.

Inquestionavelmente criador da Psicoterapia de Grupo, o seu passado religioso, nunca renegado — pelo contrário exaltado —, trouxe-lhe a desconfiança da chamada comunidade científica, que via nele um pregador messiânico e nos grupos, a que se propunha tratar, uma busca de ingênua fraternidade.

A última etapa de sua vida foi marcada pelo diálogo com terapeutas de outras linhas, visando esclarecer os fundamentos de sua proposta como pesquisador e psicoterapeuta.

Moreno morre em Beacon a 14 de maio de 1974, aos 85 anos de idade, e pede para que na sua sepultura sejam gravadas as seguintes palavras:

"Aqui jaz aquele que abriu as portas da Psiquiatria à alegria."

# IFAMILIA IEMANIA INCOMENTATION OF THE STATE OF THE STATE

## 2

# LOCALIZAÇÃO HISTÓRICO - CULTURAL (Quadro Cronológico)

### / 1889 — Nasce J. L. Moreno

— Exatamente nesse ano Henri Bergson (1859-1941) lança sua teoria do conhecimento, "Essai sur les Donnés Immédiates de la Conscience", início de uma obra revolucionária que se expande com outras reflexões, sendo-lhe reconhecidos os dotes fenomenológicos.

### 1891 — Moreno com dois anos de idade

- Edmund Husserl (1859-1938) desponta para a vida filosófica com a "Filosofia da Aritmética", prenunciando o abalo que o ambiente intelectual da Europa iria sofrer em suas convicções mecanicistas.
- Nesse ano o papa Leão XIII publica a encíclica Rerum Novarum, sobre a posição da Igreja nas questões sociais.

### 1900 — Moreno com onze anos

— A própria Física, ciência de causas-efeitos por excelência, é sacudida pela "incerteza quântica", com Max Planck demonstrando que na desintegração de uma substância radioativa não é possível determinar-se "por que", "quais" e "como" as partículas sofrerão o processo, recor-

rendo-se então ao critério das probabilidades. Não seria o fim das leis lógicas e causais, evidentemente, mas, sem dúvida, fora um golpe nas convicções do determinismo radical.

- Em 1900, também, Freud (1855-1939) publica *Interpretação dos Sonhos*, marcando o nascimento da Psicanálise: "Método de investigação dos processos anímicos, concepção de vida psíquica, terapia das doenças nervosas, e tentativa de ser um esquema filosófico". Definindo um objeto de estudo o inconsciente o método psicanalítico pretendeu superar as várias correntes do século XIX nesse campo e constituiu-se numa verdadeira revolução na Psiquiatria, vindo até os nossos dias com área de influência cada vez maior.
- Ainda em 1900, Husserl expõe em As Investigações Lógicas a nova maneira de fazer ciência e filosofia, com enfoque que repercutiria por todo este século: o método fenomenológico.

### 1902 — Moreno com treze anos

- Émile Durkheim (1848-1917) começa a lecionar Sociologia e Educação na Sorbonne, constituindo equipe de trabalho considerada de alta categoria. Tido como um dos fundadores da Sociologia Moderna, estabeleceu o conceito de "solidariedade orgânica" dentro do que chamava "consciência coletiva", onde o "sistema de crenças e sentimentos" é compartilhado pelos participantes de um grupo social e define as relações existentes entre eles.
- Por essa época, George Herbert Mead (1863-1931) marca a mudança da Psicolocia Social, enfatizando o psicológico sobre o social.
- Também nesse ano Charles H. Cooley (1869-1929) estabelece os critérios para conceituação de "grupos primários" que seriam a unidade básica de todo sistema

### INDEX BOOKS GROUPS

social; publica A Natureza Humana e a Ordem Social e contesta a existência dos grupos primitivos, instintivos e anti-sociais. Teoriza sobre "papéis sociais".

### 1903 — Moreno com quatorze anos

— Pavlov (1849-1936) dá a conhecer seus estudos de psicofisiologia e instala, assim, a escola reflexológica para conhecimento das atividades psíquicas do homem.

### 1904 — Moreno com quinze anos

— John Dewey (1859-1952) assume o Departamento de Fisiologia da Universidade de Columbia. Filósofo, psicólogo, pedagogo, o seu conceito de escola é terapêutico; ela permitiria "a reconstrução de experiências", sendo essas "produto da ação". Sua vasta produção bibliográfica se inicia em 1887, com *Psicologia* e se encerra em 1946 com *Problemas dos Homens*.

### 1905 — Moreno com dezesseis anos

— Einstein estabelece suas bases da Teoria da Relatividade, revolução na Física que atingiu em cheio o mundo filosófico. Entre outros, os conceitos de espaço e tempo deixam de se definir por si, deixam de existir dentro de uma realidade estática. Passam a ser encarados como modos de instituição da consciência, em função da relação dos objetos e da sucessão de acontecimentos que deles participam.

A partir daí, o "intelectualismo racionalista" começaria a ser fustigado. Kierkegaard, até então quase desconhecido, passa a ser debatido nas rodas intelectuais. Nietzche, recém-falecido, é exumado para admirações e condenações apaixonadas. Dilthey, que viria a falecer em 1911, é redescoberto nos meios universitários.

- Nesse ano, Max Reinhardt (1873-1938) marca seu primeiro grande êxito teatral. É o primeiro a quebrar a convenção entre palco e platéia; retira as cortinas da boca de cena e leva o teatro para dentro das igrejas e dos circos.
- É nessa época também que Constatin Stanislavski (1863-1938) cria o estúdio experimental de teatro onde desenvolve revolucionária pedagogia teatral, revalorizando o ator, propondo-lhe criar a partir de seus sentimentos profundos, sem artificialidades. Falava em "subsolos misteriosos da alma", de onde o personagem deveria nascer. Pelo exemplo de seu próprio comportamento propunha a criatividade através da espontaneidade.
- Ainda em 1905, o norte-americano Charles Pierce (1839-1914) publica O que é Pragmatismo, onde expõe que os pensamentos e crenças apenas são regras para a ação e que, por mais importantes que o sejam, a ação prática deles resultante é que deve ser valorizada. Esse autor é considerado um dos precursores da atual Semiótica, pela importância que atribuía à teoria dos significados.
- Joseph Hersey Pratt descobre, num hospital para tuberculosos em Boston, as possibilidades terapêuticas de um grupo. Em um sistema de classes de aula, com vinte ou mais pacientes, ele fazia uma palestra sobre o tema de higiene e tratamento da tuberculose, e promovia, distinguindo nas primeiras filas, os participantes mais interessados. Esse primitivo método é dito de persuasão.

### 1906 — Moreno com dezessete anos

— Martin Buber (1878-1965), que já era doutor pela Universidade de Berlim, destacando-se como profundo estudioso da tradição hassídica (movimento judaico do século XVIII), inicia a publicação de uma série de quarenta monografias sociopsicológicas sob o título geral "A Sociedade".

Nos seus estudos hassídicos ele tomara consciência do homem existencial, do homem em relação, que culmina em 1922 com sua mais importante obra, Eu e Tu.

### 1907 — Moreno com dezoito anos

— Theodor Lipps (1851-1914) publica suas pesquisas sobre a empatia, a partir da experiência estática da obra de arte. Pela sua teoria, aquele que observa tende a "sentir-se dentro" do contemplado, o que seria valiosa contribuição para o conhecimento intuitivo da realidade. Seu livro é um tratado de psicologia da cor, do som, da palavra, do belo, do feio, do sublime, do trágico, do prazer e do desprazer. Ali, empatia também é designada como "projeção sentimental": "O sentimento de beleza é o sentimento da atividade vital que eu vivo no objeto sensível, é o sentimento de afirmação de mim mesmo ou de afirmação da vida, objetivada".

A empatia para ele seria o processo psicológico de identificação anímica e espiritual com o outro, podendo ser positiva ou negativa. Dado o seu estudo original com objetos, cristalizou-se a idéia de que ela seria unilateral, com um só sentido, e assim entendida em nossos dias. Moreno mais tarde faz referências a essa formulação quando discute a função do ego-auxiliar.

- Nesse ano, Maria Montessori (1870-1952), psiquiatra italiana que dedicou-se à pedagogia, projeta-se com a criação das "Casas de Crianças" em bairros pobres, utilizando método pedagógico de sua inspiração. O método caracteriza-se pela ampla liberdade de movimento dada às crianças, estímulo à espontaneidade e à criatividade, mudança da relação aluno-professor, horizontalizando-a, propondo, ainda, a auto-educação.
- O anarquismo, movimento operário que se pretendia libertário e espontâneo, propondo uma sociedade nova sem chefes e sem governo, realiza em Amsterdã um dos seus congressos mais importantes.

# 1911 — Moreno com vinte e dois anos

— Nesse ano, Moreno teria levado a primeira sessão psicodramática produzida no Kinderbühne (Teatro de Crianças) de Viena encenando Os Feitos de Zarathustra, dentro de suas propostas experimentais de "um teatro perfeitamente real". Mas a data oficial do nascimento do Psicodrama seria 1.º de abril de 1921.

### 1912 — Moreno com vinte e três anos

— Unamuno publica em Salamanca (Espanha) a obraprima das estantes dos existencialistas católicos, Do Sentimento Trágico da Vida, onde fala do "homem de carne e osso, o que nasce, sofre e morre — sobretudo morre —, o que come e bebe e dorme e pensa e quer, o homem que se vê e a quem se ouve, o irmão, o verdadeiro irmão". É o homem existencial, concreto, aqui definido.

### 1913 — Moreno com vinte e quatro anos

— Max Scheler (1874-1928) publica estudo fenomenológico sobre a simpatia, entendida como participação,
compartilhamento, percepção do outro. Mas compartilhar
que não deve ser confundido com o sentimentalismo piegas,
e sim com o melhor sentido da solidariedade humana, que
muitas vezes é silenciosa e pesada, porque reflexiva e sofrida. Descreve o que chamou de "participação afetiva",
forma de objetivação empática observada em todos os animais de vida gregária e que no homem expressa-se pelas
identificações ocorridas nos clãs, nos grupos, nas famílias.
E, ainda num apêndice, debate a ética material dos valores,
propondo uma nova Ética.

Aplicando a idéia husserliana da intencionalidade do conhecimento aos sentimentos, Scheler de certa forma preparou o acasalamento da fenomenologia com as filosofias

da existência, conforme nos ensina Jean Wahl. Mais tarde, Moreno citaria Scheler ao discutir empatia e tele em seus "Fundamentos de la Sociometria".

- Ainda nesse ano, Karl Jaspers (1883-1969) publica *Psicopatologia Geral*, monumental obra da Psiquiatria universal. Neste livro, o autor dá um toque pessoal ao seu trabalho como fenomenologista: afirma ele que ao psiquiatra fenomenólogo não basta registrar os dados objetivos e subjetivos obtidos à entrevista e à observação, mas é necessário colocar-se diretamente no "jogo da relação", com sua capacidade empática, por intuição ou experiência, para "compreender" os estados de alma tais como os doentes experimentam.
- O ano de 1913 marca a fundação oficial, por John Broadus Watson (1878-1958), do behaviorismo, que se caracteriza por ser contrário a toda psicologia da consciência e dos processos mentais, e por ser uma psicologia materialista, mecanicista, determinista e objetiva. Seu objeto é o comportamento animal ou humano, que possa ser observado, medido, comparado, avaliado, treinado, previsto e controlado.
- Também por essa época, Jung (1875-1961) rompe com Freud e passa a solidificar as concepções próprias que tem sobre o psiquismo humano, ligando-o às representações de um inconsciente coletivo.
  - Por esse tempo Moreno faz o curso de medicina.

### 1914 — Moreno com vinte e cinco anos

— Os valores da civilização ocidental são rudemente atingidos pela Primeira Grande Guerra, "a guerra que pretendia acabar com todas as guerras". E a crença na superioridade das ciências como solução para os problemas humanos se esboroa envolta no pessimismo e na desesperança.

Perante aquela situação são apontados o psicologismo, o sociologismo e o biologismo das respectivas ciências; a amargura e a decepção acrescentavam-lhe o sufixo "ismo", com tom pejorativo, para caracterizá-las em suas pseudoverdades.

Diante do morticínio cruel e a descrença avassaladora, o pensamento da época reage e volta-se à busca de um sentido transcendental para o destino do homem; procurase reavivar a fé.

Moreno escreveria, a propósito: "Quando vi reduzida a cinzas a soberba casa do homem, em que ele havia trabalhado perto de dez mil anos para conferir-lhe a solidez e o esplendor da civilização ocidental, único resíduo carregado de promessas que descobri entre as cinzas foi o 'espontâneo-criador'".

— Note-se que entre 1910 e 1914 Moreno teve participações que, muito mais do que trabalhos psicoterápicos conscientes e sistematizados, traduziam a disponibilidade própria dos jovens: entre 1910 e 1914, ele faz a revolução nos jardins de Viena, reunindo grupos de crianças para improvisar representações espontâneas e criativas; em 1913-14, ele organiza um programa de readaptação das prostitutas vienenses e publica o *Convite ao Encontro*. Em 1915-16-17, ele assiste aos refugiados tiroleses no campo de Mittendorf, nos arredores de Viena.

### 1916 — Moreno com vinte e sete anos

— Pierre Teilhard de Chardin, padre, paleontólogo e filósofo, dedica-se ao ensaio "A Vida Cósmica", onde defende a idéia de uma força evolucionária cósmica dirigida.

### 1917 — Moreno com vinte e oito anos

— Instala-se na Rússia a revolução bolchevique, marca de sérias transformações estruturais em todo o mundo.

Sob o ponto de vista filosófico, era a vitória do marxismo enquanto doutrina humanista que busca a libertação do homem de todas as suas alienações para colocá-lo no caminho da expansão e da realização, permitindo-lhe comunicar-se com os outros de forma autêntica. "Então, no dizer de Marx, cada um trocará amor por amor, confiança por confiança".

Mais tarde, ao propor os fundamentos da Sociometria, Moreno teria oportunidade de fazer a crítica de Marx e considerá-lo o precursor da Sociometria Industrial.

— Nesse mesmo ano, Luigi Pirandello (1867-1936) alcança o seu primeiro sucesso teatral com Assim é, se lhe parece. Esse dramaturgo italiano propunha um teatro psicológico, de motivações pessoais e subjetivas, mostrando o relativismo da verdade e a dificuldade de se conhecer as pessoas, pelo que disseca suas personagens de modo a apreendê-las além do comportamento objetivo. No decorrer de sua obra ele preocupou-se com a influência que as características psicológicas do personagem poderiam ter sobre o ator, e de certa forma desenvolveu uma idéia sobre o papel dramático ou o papel do ator, o que despertou o interesse dos estudiosos dos conceitos de "papel".

- Moreno, nesse ano, forma-se em medicina.

Colabora na *Daimon Magazine*, onde, entre outros colaboradores, encontram-se Buber, Kafka e Scheler, figuras conhecidas pela sua contribuição à filosofia da existência.

### 1919 — Moreno com trinta anos

- Jaspers publica A Psicologia da Cosmovisão postulando a tese de que em toda a Ciência há uma base ontológica implícita que permite uma concepção prévia do Homem, do Mundo, da Vida e do Universo, o que a obrigaria à tomada de posição filosófica fundamental frente àqueles conceitos e realidade.
  - Moreno é redator da Daimon Magazine.

- 1920 Moreno com trinta e um anos
- Publica, anonimamente, Das Testament des Vaters (O Testamento do Pai).

### 1921 — Moreno com trinta e um anos

- Moreno faz a primeira dramatização pública em Viena, a 1.º de abril. Mais tarde ele próprio consideraria essa data como marco da fundação do Teatro da Espontaneidade e da criação do Psicodrama.
  - Lazell introduz o método didático no tratamento grupal de psicóticos, constituído por "conferências, leitura, discussão de livros e artigos de revistas, bem como o relato de casos clínicos reais ou imaginários".

### 7 1923 — Moreno com trinta e quatro anos

— Moreno descobre o teatro terapêutico a partir do Teatro da Espontaneidade, com o caso Bárbara-Jorge.

Publica O Testamento do Pai, agora com a responsabilidade de seu nome.

### 1924 — Moreno com trinta e cinco anos

— O alemão Hans Vaihinger (1852-1933) publica a primeira edição inglesa do resultado de trabalhos que iniciara em 1876 e que teria sido publicado em língua pátria no ano de 1905. O título é: *The Philosophy of As if.* Neste livro o autor denomina "como se" um mundo irreal e irracional, identificando sua presença na filosofia, na ciência e na vida, e dando-lhe valor e significado tão intensos e verdadeiros quanto aos do assim chamado mundo real. Vaihinger afirma que no jogo do "como se" há uma força

### INDEX BOOKS GROUPS

dirigente da intuição e das atividades estéticas. Propõe o seu estudo esmiuçadamente para aproveitá-lo nas várias atividades humanas, entre elas os processos criativos.

### 1925 — Moreno com trinta e seis anos

— Emigra para os Estados Unidos da América.

### 1927 — Moreno com trinta e oito anos

- Heidegger (1889-1976) publica Ser e Tempo, sua ontologia fundamental de tão grande importância para o pensamento fenomenológico existencial.
- Ainda em 1927, Gabriel Marcel estuda as relações do indivíduo e seu corpo e estabelece que o corpo é o ponto primordial de onde confluem e onde se condicionam todas as experiências, e afirma enfaticamente: "Eu sou meu corpo. Meu corpo é, neste sentido, ao mesmo tempo o existente padrão e, mais profundamente ainda, o ponto de referência dos demais existentes".
- Nesse ano, também, Antonin Artaud (1896-1948) funda um teatro de vanguarda que pretendia ser revolucionário, ressuscitando na platéia a "catarse do terror". Contestava o uso da palavra no espetáculo, pretendendo uma representação do tipo oriental, ritualístico, místico, religioso e que fosse expressão do inconsciente coletivo.
- J. B. Rhine instala a pesquisa sistemática de fenômenos parapsicológicos na Duke University (EUA).

### 1928 — Moreno com trinta e nove anos

— A penicilina é descoberta por Fleming; o mundo entra na era dos antibióticos.

- Reich funda em Viena a "Sociedade Socialista para Conselho e Pesquisa Sexual".
- Moreno faz sua primeira experiência psicodramática nos EUA.

### 1929 — Moreno com quarenta anos

- Os EUA enfrentam a maior depressão econômica de sua história, com a quebra da Bolsa de Nova York.
  - Inicia-se uma crise econômica mundial.
- Surge o Manifesto Surrealista propondo novos mitos, combatendo o racionalismo e propondo reformular os valores éticos e estéticos da cultura ocidental.
  - Moreno faz psicodramas públicos no Carnegie Hall.

### 1930 — Moreno com quarenta e um anos

- Merleau-Ponty (1908-1961) inicia a carreira de filósofo, construída sobre as idéias de Decartes, Malenbranche, Hegel, Husserl, Bergson, Heidegger e Sartre.
- O Psicodrama é introduzido no Brasil, com uso de técnicas parciais, por Helena Antipoff, em Belo Horizonte, Minas Gerais.
- A partir desse ano, Paul Schilder adota o método psicanalítico para grupos.

### 1931 — Moreno com quarenta e dois anos

— Binswanger (1881-1966), a partir das concepções de Heidegger e Freud, inicia a publicação de seus estudos que resultarão na "análise existencial" entendida como análise para a existência e não-análise da existência, análise do ôntico e não-análise do ontológico.

- Moreno dirige a revista Improptu.
- Nesse ano, a 5 de junho, Moreno expõe suas idéias sobre Psicoterapia de Grupo na "American Psychiatric Association".

### 1932 — Moreno com quarenta e três anos

- Apresenta suas idéias em Filadélfia.
- Lança as bases da Sociometria a partir de estudos feitos com jovens delinqüentes da Comunidade de Hudson.
  - Jacques Lacan (1901-1981) desponta para a vida cultural com a tese em Psiquiatria: "Da psicose paranóica nas suas relações com a personalidade".

### 1936 — Moreno com quarenta e sete anos

- Jean Paul Sartre publica A Imaginação e A Transcendência do Ego, Esboço de uma Descrição Fenomenológica, iniciando a caminhada que resultará no O Ser e o Nada, sua consagração como filósofo da existência.
  - Inicia-se a Guerra Civil Espanhola.
- Moreno constrói em Beacon, Nova York, o primeiro teatro terapêutico.
  - Em Marienbad, Lacan lança sua contribuição original à Psiquiatria e à Psicanálise.

### 1937 — Moreno com quarenta e oito anos

— Karen Horney publica A Personalidade Neurótica do Nosso Tempo, dando início a uma série de publicações sobre a confluência dos elementos socioculturais no desenvolvimento da personalidade, no que seria seguida por outros, como Erich Fromm e Harry Sullivan.

### INDEX BOOKS GROUPS

- Moreno funda a revista *Sociometry* e incorpora-se às universidades de Columbia e Nova York.
- 1938 Moreno com quarenta e nove anos
- Surge a "eletroconvulsoterapia" (ECT) de Cerletti e Bini, indicada seletivamente para depressões anancásticas, estados catatônicos e quadros psico-reacionais graves. Desconhecemos se Moreno fez uso desse método em sua clínica psiquiátrica.
- 1939 Moreno com cinqüenta anos
  - Inicia-se a Segunda Grande Guerra.
  - Morre Freud, aos 84 anos.
- 1941 Moreno com cinquenta e dois anos
- Zerka Toeman começa a trabalhar em Beacon como ego-auxiliar.
- 1942 Moreno com cinquenta e três anos
- Funda "The American Society of Group Psychotherapy and Psychodrama" e o "Moreno Institute".
- 1945 Moreno com cinquenta e seis anos
- Kurt Lewin (1890-1947), professor da Universidade de Harvard, funda um centro de pesquisa em Psicologia Social criando o termo "dinâmica dos grupos".

### 1949 — Moreno com sessenta anos

- O sociólogo Guerreiro Ramos entra em contato com Moreno e dirige, no Rio de Janeiro, talvez o primeiro seminário sobre Psicodrama feito no Brasil.
- Moreno separa-se de Florence, sua primeira esposa (com quem teve uma filha), para se casar com Zerka Toeman.

### 1950 — Moreno com sessenta e um anos

— Os psicofármacos (a partir da clorpromazina) passam a ser amplamente usados no tratamento das doenças mentais e emocionais. Desconhecemos se Moreno fez uso desses medicamentos em sua clínica.

### 1951 — Moreno com sessenta e dois anos

— Funda a sessão de Psicoterapia de Grupo na "American Psychiatric Association".

### 1952 — Moreno com sessenta e três anos

- Nasce Jonathan, o filho de Zerka e J. L. Moreno.

### 1964 — Moreno com setenta e cinco anos

— Realiza-se em Paris o I Congresso Internacional de Psicodrama e Sociodrama, reunindo pela primeira vez psicodramatistas de todo o mundo sob a liderança de J. L. Moreno.

### 1966 — Moreno com setenta e sete anos

— II Congresso Internacional de Psicodrama e Sociodrama na cidade de Barcelona, na Espanha.

### INDEX BOOKS GROUPS

### 1968 — Moreno com setenta e nove anos

— Na localidade de Baden, próximo a Viena, realiza-se o III Congresso Internacional de Psicodrama e Sociodrama, contando com vários participantes latino-americanos.

### 1969 — Moreno com oitenta anos

— Instala-se em Buenos Aires o IV Congresso Internacional de Psicodrama e Sociodrama, ao qual comparecem Zerka e J. L. Moreno, e onde este último lê um discurso em língua espanhola com desenvoltura.

### 1970 — Moreno com oitenta e um anos

— No então recente Museu de Arte de São Paulo — MASP — realiza-se o V Congresso Internacional de Psicodrama e Sociodrama ao qual Zerka e J. L. Moreno não comparecem.

1974

— A 14 de maio, J. L. Moreno faleceu, aos oitenta e cinco anos de idade.

# 3

### QUATRO MOMENTOS CRIATIVOS

Religioso e Filosófico (até 1920)

Tema predominante: As filosofias da existência

Criação: O "Seinismo"

Influência recebida: Hassidismo — movimento religioso

judaico do século XVIII. As idéias filosóficas de Kierkegaard e Bergson.

Atividades: Teatro das crianças (1911)

Encenações de histórias infantis nos jardins de

Viena (1910 a 1914)

Trabalho com Prostitutas (1913-14)

Assistência e refugiados de guerra

(1915 a 1917)

### Publicações:

- Poema que faz a definição literária de "Encontro": "Convite ao Encontro" (1914)
- Revista: Daimon (1917 a 1919)
- Livro: Das Testament des Vaters

O Testamento do Pai — traduzido para

o espanhol como:

Las Palabras del Padre (1920)

O que se pode observar das atividades e idéias de Moreno resse período são a fé e a crença religiosa, a perplexidade e a dor diante da Primeira Grande Guerra, a necessidade pessoal das relações fraternais, simplicidade, despojamento e a busca de uma relação harmoniosa com Deus. Já falava em espontaneidade e criatividade como elementos de superação da doença.

Teatral e Terapêutico (1921 a 1924)

Tema predominante: O teatro

Criação: O Psicodrama (1.º de abril de 1921)

Atividades: Experiências teatrais

Teatro da Espontaneidade (1921) A observação do caso Bárbara-Jorge O teatro terapêutico (1923)

### Publicação:

— Livro: O Teatro da Espontaneidade (1923)

Nesse período, já com as experiências acumuladas anteriormente, Moreno funda o "Teatro da Espontaneidade" com a intenção de quebrar a "conserva cultural" do teatro da época. Ele conhecia o poder de catarse do teatro, mas discordava do uso de textos decorados e ensaiados. Desejava que as catarses aristotélica e de ab-reação fossem substituídas por uma forma de expressão onde o ator, naquele momento de ação, tornar-se-ia o próprio autor e criador de sua história, para transformá-la.

Sociológico e Grupal (1925 a 1941)

Emigração para os EUA (1925)

Tema predominante: A preocupação com o social e com a

dinâmica dos grupos

Criações: Psicoterapia de Grupo (1931)

Sociometria (1932)

Atividades: Trabalha com delinquentes jovens na comunidade de Hudson (1932). Constrói em Beacon um teatro terapêutico (1936). Liga-se às universidades de Columbia e Nova York.

### Publicações:

— Revistas: Dirige a Impromptu (1931)

Funda a Sociometry (1937)

— Livro: Who shall Survive? (1934)

Traduzido para o espanhol como:
Fundamentos de la Sociometria

Moreno vinha da Europa impregnada da fenomenologia, do pensamento existencialista; vinha de uma cultura decepcionada com a guerra, questionando os valores e duvidando da superioridade das ciências para a solução dos problemas humanos. Ele próprio escrevera, diante do morticínio da guerra, que o único resíduo carregado de promessa estaria no "espontâneo-criador".

Despertava-se o interesse pelo pensamento oriental, em particular pelo taoísmo, em seus aspectos dialéticos, propondo a inter-relação como fenômeno profundo de experiência humana e vivência existencial.

Moreno chega em um país absorvido pelas idéias do behaviorismo e de um mal digerido pragmatismo. Ele foi envolvido pela necessidade de medir, que naquele momento era a tendência predominante no estudo das relações humanas expressando-as por dados estatísticos, métodos métricos e operacionais. Era o homem *metrum*. Houve, sem dúvida, um "choque cultural" que resultou num ato criador: a sociometria dos grupos.

### INDEX BOOKS GROUPS

Organização e Consolidação (1942 a 1974)

Tema predominante: Articulação e estruturação das suas idéias como método de psicoterapia válido e aceito pela comunidade científica.

Criação: Socionomia

Atividades: Fundação do Moreno Institute (1942)

Fundação "The American Society of Group Psychoterapy and Psychodrama" (1942)

Criação do Departamento de Psicoterapia de Grupo na Associação Psiquiátrica Americana (1951)

### Publicações:

- Livros: Psicodrama (1946)

Psicoterapia de Grupo e Psicodrama (1959)

Fundamentos do Psicodrama (1959)

Essa última fase de Moreno caracteriza-se pelo afunilamento progressivo de seus interesses em direção ao trabalho psicoterápico. Passa a preocupar-se também com a formação de um corpo de doutrina, o que faz dentro do título geral de Socionomia.

Nesse período é importante o livro publicado em 1959 sob o título *Psychodrama*, 2.º vol. — em português, *Fundamentos do Psicodrama* —, onde ele expõe um original plano de debates. Dividido em seis conferências, Moreno abre cada uma delas com a visão que tem sobre cada tema, seu ponto de vista é comentado por autoridade no assunto e em seguida ele faz a tréplica.

Nesses debates surge a oportunidade de Moreno conciliar-se nas suas críticas à Psicanálise, bem como a de fazer a convalidação do método fenomenológico-existencial com o Psicodrama.

ILANDIE XI
BOOKIPS

# IDAMENT BOOKINGS

## 4

#### TEORIA SOCIONÔMICA

Para Moreno o indivíduo é concebido e estudado através de suas relações interpessoais. Logo ao nascer, a criança é inserida num conjunto de relações, constituído em primeiro lugar por sua mãe (que é o primeiro ego-auxiliar), seu pai, irmãos, avós, tios etc.; a este conjunto Moreno chamou de Matriz de Identidade. No início de seu desenvolvimento na Matriz, quando não há distinção entre ela e a mãe, a criança vivencia a sociedade através da mãe iniciando seu processo de socialização e integração na cultura.

O Homem moreniano é um indivíduo social, porque nasce em sociedade e necessita dos outros para sobreviver, sendo apto para a convivência com os demais.

Toda a teoria moreniana parte dessa idéia do Homem em relação, e, portanto, a inter-relação entre as pessoas constitui seu eixo fundamental. Para investigá-la, Moreno criou a Socionomia, cujo nome vem do latim sociu = companheiro, grupo, e do grego nomos = regra, lei, ocupando-se, portanto, do estudo das leis que regem o comportamento social e grupal.

#### 1. Sociodinâmica

Estuda o funcionamento (ou dinâmica) das relações interpessoais. Tem como método de estudo o *role-playing*, ou jogo de papéis que permite ao indivíduo atuar dramaticamente diversos papéis, desenvolvendo assim um papel

espontâneo e criativo. Esse método é muito utilizado no treinamento do papel profissional como, por exemplo, médico, professor, psicólogo, terapeuta etc., ou mesmo para o papel de mãe ou de pai. Qualquer novo papel a ser desenvolvido pode ser auxiliado pelo uso do role-playing, possibilitando assim um papel mais espontâneo e criativo, sem medo e ansiedades.

#### 2. Sociometria

Tem por objetivo medir as relações entre as pessoas e seu método é o *teste sociométrico*, cuja aplicação criteriosa possibilita quantificar as relações estudadas. O teste sempre deve ser aplicado de forma integral para que possa ser elaborado adequadamente pelos elementos do grupo.

As etapas para aplicação do teste sociométrico são:

- 1.ª) A escolha do critério pelos elementos do grupo, que deverá ser consensual.
- 2.a) Cada um deve fazer suas escolhas positivas, negativas e indiferentes seguidas do porquê da escolha. Serão escolhidos todos os integrantes do grupo.
- 3.ª) Fazer o chamado "perceptual", que consiste em dizer como será escolhido por cada um dos elementos do grupo e o porquê da escolha.
- 4.ª) As escolhas serão depois lidas em conjunto no grupo e será montado o *sociograma*, que é a síntese gráfica das congruências e incongruências na escolha dos indivíduos.

Com as escolhas evidenciadas serão necessários alguns confrontos e clarificações entre os participantes e deve haver espaço e tempo suficiente no grupo para isso, dando continente para a elaboração individual e grupal.

Quando não houver a possibilidade de aplicação integral do teste e de sua consequente elaboração, sugerimos utilizar algum exemplo aplicado em outro grupo, mas nunca

fazer aplicação parcial ou incompleta, o que pode evidenciar apenas alguns aspectos dinâmicos, gerando crises grupais e dificuldades graves para certos elementos do grupo.

#### 3. Sociatria

Constitui a terapêutica das relações sociais. Seus métodos são: a Psicoterapia de Grupo, o Psicodrama e o Sociodrama. Moreno vislumbrava que com a aplicação desses três métodos seria possível o tratamento e possivelmente a cura do social mais amplo, o que lhe custou a designação da Sociatria como a utopia moreniana.

O Psicodrama é o tratamento do indivíduo e do grupo através da ação dramática. No Psicodrama de Grupo o protagonista poderá ser um indivíduo ou o próprio grupo.

A Psicoterapia de Grupo, criada por Moreno na fase americana, prioriza o tratamento das relações interpessoais inseridas na dinâmica grupal.

O Sociodrama é um tipo especial de terapia onde o protagonista é sempre o grupo e as pessoas estão reunidas enquanto mantêm alguma tarefa ou objetivo comum, por exemplo: estudar juntos, trabalhar juntos, viver juntos etc.

Apesar dessa divisão clássica, na prática o trabalho do psicodramatista é referido de modo genérico como foi consagrado pelo uso: Psicodrama.

## 5

#### A VISÃO MORENIANA DO HOMEM

#### O Homem como Agente Espontâneo

Na visão moreniana, os recursos inatos do homem são a espontaneidade, a criatividade e a sensibilidade. Desde o início, ele traz consigo fatores favoráveis a seu desenvolvimento, que não vêm acompanhados por tendências destrutivas. Entretanto, essas condições, que favorecem a vida e a criação, podem ser perturbadas por ambientes ou sistemas sociais constrangedores. Nesse caso, resta a possibilidade de recuperação dos fatores vitais, através da renovação das relações afetivas e da ação transformadora sobre o meio.

#### O Nascimento e o Fator E

Moreno não admitia que a própria experiência de nascer pudesse consistir em um evento angustiante e traumático (situação em que o indivíduo fica impedido de responder de forma adequada). Para ele, o nascimento não se reduzia à perda do conforto e da quase inatividade da vida intra-uterina e à passagem, através do estreito (angustus) canal materno, para o desconfortável excesso de estímulos do mundo extra-uterino. Pelo contrário, concebia o rebento humano como um agente participante, desde a sua primeira entrada na cena da vida social.

A formação em medicina, o contato com teorias psicológicas e filosóficas permitiram-lhe pressupor que o nascituro participava do parto ativamente, em maior ou menor grau. À capacidade de responder adequadamente à situação, utilizada pela primeira vez no nascimento, deu o nome de espontaneidade ou fator E (no original, fator S, do latim, sponte = vontade).

Apresentar a espontaneidade como um fator foi um modo irônico de confrontar-se com as teorias fatoriais da Psicologia, que concebiam a personalidade como resultante de diversos fatores, que se procurava detectar e medir.

#### A Revolução Criadora

O homem nasce espontâneo e deixa de sê-lo devido a fatores adversos do meio ambiente. Os obstáculos ao desenvolvimento da espontaneidade encontram-se tanto no ambiente afetivo-emocional, que o grupo humano mais próximo estabelece com a criança (Matriz de Identidade e átomo social), quanto no sistema social em que a família se insere (rede sociométrica e social).

A Revolução Criadora moreniana é a proposta de recuperação da espontaneidade e da criatividade, através do rompimento com padrões de comportamento estereotipados, com valores e formas de participação na vida social que acarretam a automatização do ser humano (conservas culturais).

#### Espontaneidade e Criatividade

Para que tenhamos o prazer de nos sentirmos vivos é preciso que nos reconheçamos como agentes do nosso próprio destino. Quando somos reduzidos à condição de peças de engrenagens, nas quais somos colocados sem o reconhecimento de nossa vontade, impedidos de iniciativa pessoal, estamos privados de nossa espontaneidade. Há alienação do fator E.

A espontaneidade é a capacidade de agir de modo "adequado" diante de situações novas, criando uma resposta inédita ou renovadora ou, ainda, transformadora de situações preestabelecidas.

3\*

Quando a concepção moreniana associa o fator E à "adequação" (ajustamento, adaptação), parece estar reunindo termos contraditórios: se, por um lado, valoriza a iniciativa e o "toque" pessoal, por outro, propõe o ajustamento, que só parece possível em relação à manutenção do que já está pronto (exemplos: grupos sociais, instituições como escola, emprego etc.). Mas é preciso compreender o espírito dos escritos de Moreno: sua proposta primordial é a da adequação e do ajustamento do homem a si mesmo. Nesse sentido, ser espontâneo significa estar presente às situações, configuradas pelas relações afetivas e sociais, procurando transformar seus aspectos insatisfatórios.

Dificilmente alguém pode promover mudanças no ambiente se age sozinho. Sempre pensamos e agimos em função de relações afetivas (relações cuja experiência tem ressonância emocional), mesmo que não o façamos conscientemente. Ainda que afastado do convívio de fato com outras pessoas, o homem age em função da imagem que tem de si mesmo, de seus semelhantes e de suas relações com estes.

Quando recupera sua liberdade ou luta por ela, o homem reafirma sua essência, o que é próprio de sua natureza, ou seja, a *espontaneidade*.

A possibilidade de modificar uma dada situação ou de estabelecer uma nova situação implica em *criar*: produzir, a partir de algo que já é dado, alguma coisa nova. A *criatividade* é indissociável da *espontaneidade*. A *espontaneidade* é um fator que permite ao potencial criativo atualizar-se e manifestar-se.

#### Criatividade versus Conserva Cultural

Todo resultado de um processo de criação ou de um ato criador pode cristalizar-se como conserva cultural. Con-

servas culturais são objetos materiais (incluindo-se obras de arte), comportamentos, usos e costumes, que se mantêm idênticos, em uma dada cultura.

Se o homem se detivesse no excessivo respeito àquilo que sua criatividade já produziu, apenas conservando e cultuando o que está pronto, ele perderia sua espontaneidade.

Para que a *criatividade* se manifeste é necessário, segundo Moreno, que as *conservas culturais* constituam somente o ponto de partida e a base da ação, sob pena de se transformarem em seus obstáculos.

#### O Fator Tele

Começando a distinguir objetos materiais e seres humanos como separados dela, a criança começa a ter uma capacidade de percepção que não se reduz à captação feita pelos órgãos dos sentidos. Aos poucos, com o desenvolvimento de um fator inato, que Moreno chamou de *Tele*, ela vai distinguindo objetos e pessoas, sem distorcer seus aspectos essenciais.

Por volta dos seis meses de idade, uma criança é capaz de reconhecer um sorriso (Gestalt Signal) em um rosto humano que esteja de frente para ela. Mostra seu reconhecimento ao sorrir também, correspondendo. Segundo observações experimentais (Spitz), tal resposta ocorre também diante do rosto de um boneco, que simule a situação descrita. A criança demonstra capacidade de percepção objetiva, na medida em que a forma discriminada, o sorriso, é observável também por terceiros, isto é, ocorre de fato. Por outro lado, o bebê sorridente já se comunica com outro ser humano presente, respondendo de forma adequada ao que percebe. O fator Tele assemelha-se a essa percepção e a seu poder de desencadear respostas, mas não pode ser confundido com a percepção predominantemente visual.

Moreno definiu *Tele* como a capacidade de se perceber de forma objetiva o que ocorre nas situações e o que se passa entre as pessoas.

Toda ação pressupõe relação, factual ou simbólica, entendendo-se por simbólica a relação com pessoas reais ou imaginárias, que têm sua presença representada. Toda relação pressupõe formas de comunicação. O fator Tele influi decisivamente sobre a comunicação, pois só nos comunicamos a partir daquilo que somos capazes de perceber.

#### Tele e Empatia

Tele, para Moreno, é também "percepção interna mútua entre dois indivíduos". Apesar da semelhança desta com o fenômeno da *empatia*, há distinções importantes.

A empatia é captação, pela sensibilidade, dos sentimentos e emoções de alguém ou contidas, de alguma forma, em um objeto (por exemplo, em uma obra de arte). É a tendência que o sujeito sente em si mesmo de se "adentrar" no sentimento com o qual toma contato. A palavra vem do grego: en (dentro) e pathos (sentimento). No Dicionário Aurélio, encontramos uma definição que provavelmente agradaria a Moreno, pois lembra claramente a associação com a espontaneidade e com a capacidade de inverter papéis: "Tendência para sentir o que se sentiria caso se estivesse na situação e circunstâncias experimentadas pela outra pessoa".

Moreno escreveu certa vez que "o fenômeno Tele é a empatia ocorrendo em duas direções". Em alemão, chamou o fator Tele de Zweifühlung, fazendo um trocadilho para salientar o caráter bipessoal ou mútuo, do fenômeno possibilitado pela presença do fator. Com efeito, einfühlen quer dizer "compreender, penetrar (em); sich in einfühlen, "saber ver com os olhos de alguém" e, ainda, Einfühlungsvermögen, "intuição" (ao pé da letra, "o poder de compreender"). Ein e zwei são os numerais "um" e "dois".

Sintetizando, o fator Tele, inato, em condições favoráveis a seu desenvolvimento, permite a experiência subjetiva profunda entre pessoas e pode ser observado por um terceiro (é objetivo). Este fator supera o afastamento entre sujeitos que se relacionam. Tele significa "à distância", como o radical grego de televisão e de telepatia.

#### Tele e Transferência

Apesar de a percepção télica poder ser experienciada pela maior parte das pessoas, não é fácil nem possível que esse fenômeno predomine em todos os momentos de um relacionamento. Na percepção e na comunicação há frequentes distorções e equívocos. Experiências anteriores marcantes influem para que tendamos a viver uma situação nova como se esta fosse idêntica ou semelhante à situação vivida no passado.

Moreno não estava interessado em analisar o mecanismo da transferência, nem sua relação com outros, nem em tomá-lo como instrumento, como propunha Freud. Na verdade, reduziu o conceito ao sentido de fenômeno oposto ao fenômeno Tele. Para ele, a transferência equivalia ao embotamento ou à ausência do fator Tele. Pensava que o caminho do Psicodrama era antes o de reavivar espontaneidade e Tele que, recuperados, seriam fatores de saúde mental e criatividade, superando o apego desfavorável a situações do passado.

A presença da transferência, enquanto patologia do fator Tele (nesse caso inibido ou enfraquecido), frequentemente é causa de equívocos e até de sofrimento nas relações interpessoais. Por exemplo, A pode ter uma percepção de B, que corresponde à realidade. Nesse caso está utilizando sua tele-sensibilidade. Por sua vez, B pode estar incapacitado para a relação télica (relação em que há percepção mútua e profunda), por estar fazendo transferências massivas sobre A. Nesse tipo de relacionamento, não há encontro possível.

#### A Medida do Fator Tele

Uma parte do teste sociométrico, o "perceptual", criado por Moreno, verifica a capacidade, de cada elemento de um grupo de captar os sentimentos e expectativas dos outros em relação a ele. Por exemplo, João deve escrever que elemento do grupo ele supõe que o escolherá em primeiro lugar, para uma determinada atividade ou situação, e por que. Se ele julga que será escolhido em primeiro lugar por Joaquim, que, de fato, o escolhe em último, há um indício claro de que o fator T não está presente; por um motivo ou por outro, é distorcida a percepção que João tem de Joaquim. Trata-se de uma situação observável, registrada, mas não mensurável. Já a quantidade de escolhas mútuas permite a contagem e uma proporção, em relação ao grupo testado, e uma representação gráfica; o sociograma. Este gráfico, resultante de todo o teste, permite contar e situar as "mutualidades" e as escolhas "télicas" no grupo.

Não vamos nos estender sobre o teste, que exigiria um aprofundamento de questões técnicas, que ultrapassam nosso objetivo nesta introdução ao pensamento de Moreno. No entanto, é importante deixar claro que o fato de alguém estar incapacitado de fazer escolhas "télicas" em determinado grupo não significa, por si só, que esta pessoa seja menos saudável ou menos sensível que as demais. É apenas um sinal de que nesse grupo, nesse momento, a percepção objetiva está perturbada por fatores, que pode convir pesquisar. Para dar um outro exemplo, do próprio Moreno, às vezes o grupo está aquém da condição cultural de um indivíduo, que não consegue nele se situar.

#### Tele e Encontro

A trajetória de Moreno, para a conceituação do encontro, vem de uma fase religiosa, passa por uma fase literária, chegando à expressão técnica da inversão de papéis e à

contrapartida científica, representada pela pesquisa sobre o fator Tele.

Um dos objetivos do Psicodrama, do Sociodrama e da Psicoterapia de Grupo é descobrir, aprimorar e utilizar os meios que facilitem o predomínio de relações télicas sobre relações transferenciais, no sentido moreniano. Como já foi dito, à medida que as distorções diminuem e que a comunicação flui, criam-se condições para a recuperação da criatividade e da espontaneidade.

Pessoas capazes de relações télicas estão em condições favoráveis para viver relacionamentos marcantes e transformadores. E, além disso, estão disponíveis para viver a experiência privilegiada, do momento de plena compreensão mútua. Trata-se de um instante muito especial, que apaga tudo que está ao redor e fora do puro encontro entre os dois envolvidos. O encontro é a experiência essencial da relação télica.

#### O Encontro

O encontro de que fala Moreno não pode ser marcado como um horário. No entanto, ele convidava para esse encontro. Como?

O convite moreniano é uma espécie de convocação, é apelo para a sensibilidade do próximo. É convite para a vivência simultânea e "bi-empática", enfim, télica. É apelo da espontaneidade.

Como um poeta, que convoca os homens para a experiência renovadora da con-vivência harmônica, ou para uma vivência fora do quotidiano, Moreno escreveu Convite para um Encontro (Einladung zu Einer Begegnung).

A terapia psicodramática não pressupõe que, durante as sessões, devam necessariamente ocorrer "encontros morenianos" entre terapeutas e clientes, ou entre os clientes de um grupo. No entanto, ela valoriza a espontaneidade e

as possibilidades de aprimoramento perceptivo, condições que favorecem a ocorrência de algo que corresponda à experiência poeticamente descrita por Moreno.

Na verdade, foi o poeta Moreno, e não o terapeuta, quem descreveu o *encontro*. Este acontecimento especial, que alguns podem experienciar eventual e repentinamente, escapa a definições lógicas. Entretanto, o poeta também sugere o significado de *Tele* e da mútua disponibilidade de duas pessoas capazes de se colocarem uma no lugar da outra (capacidade de realizar a *inversão de papéis*).

É difícil, ou impossível, revelar toda a riqueza de sentido, ritmo e imagens de um poema, fora da língua original em que foi escrito. Toda tradução é recriação. Na seguinte, sem pretensões literárias, procuramos preservar o essencial do pensamento moreniano:

"Um encontro entre dois: olho no olho, cara a cara. E quando estiveres próximo tomarei teus olhos

e os colocarei no lugar dos meus, e tu tomarás meus olhos e os colocarás no lugar dos teus, então te olharei com teus olhos e tu me olharás com os meus.

Assim nosso silêncio se serve até das coisas mais comuns e nosso encontro é meta livre:

O lugar indeterminado, em um momento indefinido, a palavra ilimitada para o homem não cerceado."

Nesta criação poética de Moreno é possível destacar algumas mensagens:

- a disposição e a convocação para a proximidade;
- a proposta de uma vivência plena de troca;
- o empenho na compreensão mútua;

- a confiança na receptividade do outro;
- a acolhida do silêncio que envolve o acontecimento, do qual até as coisas mais simples parecem tornar-se cúmplices;
- o afastamento efetivo do ruído, das interferências que distorcem;
- o lugar não pode ser delimitado, o momento é tempo vivido plenamente, escapa a medidas que o precisem;
- a palavra, que não é mera fala, é um dizer pleno, não brota de definições;
- na experiência radical de convivência revela-se a ausência de limitação da verdadeira essência humana.

#### A Teoria do Momento

No poema que fala do *encontro*, vimos que Moreno às vezes recorria à linguagem literária para comunicar o sentido de certas palavras que valorizava. Tais palavras referem-se a experiências e vivências que não podem ser indicadas por conceitos operacionais, nem por juízos científicos baseados na observação objetiva.

Para comentar o tempo vivido, o tempo da experiência subjetiva, Moreno baseou-se na distinção estabelecida por Bergson, entre o tempo convencional dos relógios, as concepções espacializadas do tempo que utilizamos e a verdadeira experiência anímica do fluxo temporal, a duração. No entanto, procurou criticar e acrescentar algo ao pensamento do filósofo, insistindo na especificidade de sua descoberta: a categoria de momento.

Apesar de a essência da temporalidade consistir em um jorro constante, em um fluir que só pode ser captado e descrito poética ou literariamente (segundo Bergson e Moreno), o momento moreniano é uma espécie de curtocircuito. É vivido como se a duração fosse alterada subitamente, permitindo o destaque de um instante que transforma as pessoas envolvidas. É o caso do momento do encontro e do momento da criação, situações em que o ser humano se realiza, afirmando o que é essencial no seu modo de ser.

#### O "Aqui e Agora"

Moreno salientava a importância de se pensar a respeito da interação humana levando principalmente em conta o tempo presente. Com efeito, opunha-se a teorias que fundamentavam a atitude de procurar esclarecer o passado de A ou o passado de B, quando se tratava de compreender o relacionamento dos indivíduos A e B.

A proposta metodológica moreniana, para a abordagem do relacionamento bipessoal e grupal é a investigação das características do inter-relacionamento entre os indivíduos envolvidos na situação, tal como está ocorrendo. Trata-se de averiguar a relação presente, as correntes afetivas tais como estão sendo transmitidas e captadas aqui e agora. Por exemplo, para compreender o ódio, o amor, a inveja, as saudades etc., que A tem em relação a B, o que deve ser procurado é o significado de um ou de todos esses sentimentos, no conjunto das correntes afetivas que passam entre A e B, enquanto estão ocorrendo. Moreno pretendia estar encontrando pela primeira vez o método adequado para o estudo das interações "aqui e agora" (em latim, hic et nunc), o método sociométrico.

#### Co-Consciente e Co-Inconsciente

Interessado em resgatar a percepção télica, Moreno deteve-se em fenômenos que ocorriam nas ligações profundas entre pessoas. Para ele "os estados co-conscientes e co-

inconscientes são, por definição, aqueles que os participantes têm experimentado e produzido conjuntamente e que, portanto, só podem ser reproduzidos ou representados conjuntamente".

O conceito de <u>co-inconsciente</u> refere-se a vivências, sentimentos, desejos e até fantasias comuns a duas ou mais pessoas, e que se dão em "estado inconsciente".

O casal de velhos, Filemão e Baucis, personagens da mitologia greco-romana, foi mencionado por Moreno, embora sem o relato de sua história, para exemplificar a união profunda que pode gerar um co-inconsciente. Vale a pena relembrar o mito: quando visitou a Frígia acompanhado por Mercúrio, Júpiter só encontrou hospitalidade por parte do casal que habitava uma modesta choupana. Vingando-se dos demais e ao mesmo tempo dando seu primeiro sinal de gratidão em relação a este, fez ruir tudo em volta e transformou sua choupana em templo. Além disso, dispôs-se a realizar seu maior desejo. O desejo comum revelado foi o de não morrerem um sem o outro. Um belo dia, quando muito mais velhos sentiram-se ao mesmo tempo cansados de viver, ao se olharem, perceberam que seu desejo comum já estava se realizando e que estavam se transformando em árvores; ela, em uma tília e ele, em um carvalho. Deram-se o adeus, enquanto a natureza os absorvia, perpetuando a união na metamorfose.

#### Co-Inconsciente e Inversão de Papéis

Na concepção moreniana, a resistência interpessoal corresponde a uma resistência a reconhecer certos aspectos próprios, que cada um atribui ao outro, e que freqüentemente se apresenta como resistência frente ao outro (atitude "transferencial" e avessa ao encontro). Moreno supunha que, vencida essa resistência, a ação psicodramática permitiria a superação de conflitos co-inconscientes.

A ação psicodramática, através principalmente da técnica de inversão de papéis, utilizada com os indivíduos A

e B, tornando um próximo das "profundidades do interior do outro", permite que o "inconsciente" de A se manifeste associado ao "inconsciente" de B: "...por exemplo, pai e filho, cada um deles pode estar reprimido no inconsciente do outro. Mediante a inversão de papéis, portanto, poderão trazer para fora o que vêm acumulando durante anos".



# ILANDIE XI BOOKS GROUPS

## 6

### A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE

#### A Matriz de Identidade

O bebê ocupa um espaço físico sob o teto daqueles que o recebem e que dele cuidam (sejam pai e mãe, outros parentes, profissionais em uma instituição, enfim, quaisquer responsáveis). Ele ocupa também um espaço virtual, em parte predeterminado, que dispõe as condições iniciais para seu desenvolvimento.

As predeterminações abrangem, desde o ponto geográfico, onde se situa o grupo humano que abriga o recémnascido, suas condições sócio-econômicas, até o clima psicológico que envolve a sua presença. É nesse clima que se constitui o espaço virtual, onde se instalam, por exemplo, as expectativas dos mais próximos em relação ao nascituro, em relação ao papel que ele desempenha e virá a desempenhar: unir a família, cuidar dos negócios do pai, ajudar a mãe, conseguir ser adotado, realizar algum feito em que os adultos fracassaram etc. Os exemplos são infinitos, como a gama de desejos que os seres humanos são capazes de acalentar.

É a partir do que recebe nesse meio, constituído por fatores materiais, sociais e psicológicos, que a criança começa a viver o processo, através do qual irá, aos poucos, se reconhecendo como semelhante aos demais e como um ser único, *idêntico* a si mesmo.

O lugar preexistente, modificado pelo nascimento do sujeito, é o ponto de partida para o seu processo de definição como indivíduo; é a Matriz de Identidade.

A Matriz de Identidade, no seu sentido mais amplo, é o lugar do nascimento (locus nascendi). Moreno a definiu também como placenta social pois, à maneira da placenta, estabelece a comunicação entre a criança e o sistema social da mãe, incluindo aos poucos os que dela são mais próximos.

Para Moreno, "identidade não deve ser confundida com identificação. A idéia de identificação é completamente distinta e é importante ver a diferença com clareza. Identificação supõe que haja um eu consolidado que busca a identidade com outro eu consolidado. A identificação só pode ter lugar quando a criança, tendo crescido, desenvolveu a capacidade de distinguir-se das outras pessoas. Daí relacionarmos a identidade com as fases mais remotas do desenvolvimento da criança".

"Numa altura em que a memória, inteligência e outras funções cerebrais ainda estão pouco desenvolvidas ou são inexistentes, o fator E constitui o principal esteio dos recursos da criança. Em seu auxílio acodem os egos-auxiliares e os objetos com quem ele forma o seu primeiro ambiente, a Matriz de Identidade."

Matriz de Identidade é, portanto, o lugar (*locus*) onde a criança se insere desde o nascimento, relacionando-se com objetos e pessoas dentro de um determinado clima. O desenvolvimento do recém-nascido dar-se-á nesse *locus*.

Ao nascer, a criança entra num mundo denominado *Primeiro Universo*, que está dividido em dois tempos com características próprias:

- 1.º tempo do Primeiro Universo ou Período da Identidade Total:
  - a criança não diferencia pessoas de objetos, nem fantasia de realidade;
  - só há um tempo: o presente;
  - -- todas as relações são de proximidade;

- a criança tem "fome de atos";
- não existem sonhos, pois não há separação de objetos e pessoas e não há possibilidades de registros;
- corresponde à Matriz de Identidade Total Indiferenciada.
- 2.º tempo do Primeiro Universo ou Período da Identidade Total Diferenciada ou de Realidade Total:
  - há um decréscimo da fome de atos;
  - começa a diferenciar objetos de pessoas;
  - surgem certos registros, possibilitando os sonhos;
  - as relações começam a ter certa distância, tendo início aqui os rudimentos da tele-sensibilidade;
  - corresponde-lhe à Matriz de Identidade Total Diferenciada.

O início do Segundo Universo é marcado pela ocorrência daquilo que Moreno chamou de "a brecha" entre fantasia e realidade", que até esse momento operavam de forma misturada. Formam-se dois conjuntos de processos de aquecimento: um, de atos de realidade, e outro, de atos de fantasias. A partir desse momento o indivíduo começa a desenvolver dois novos conjuntos de papéis: sociais e psicodramáticos relacionados, o primeiro, a um mundo social, e, o outro, a um mundo de fantasia. Correspondelhe à Matriz de I dentidade da Brecha entre Fantasia e Realidade.

Moreno descreve cinco etapas dessa formação na Matriz, que depois resume em três apenas:

- 1) Fase da indiferenciação: onde a criança, a mãe e o mundo são uma coisa só.
- 2) Fase onde a criança concentra a atenção no outro, esquecendo-se de si mesma.

- 3) Aqui ocorre o movimento inverso: a criança está atenta a si mesma, ignorando o outro.
- 4) Já nesta fase a criança e o outro estão presentes de maneira concomitante, e ela já se arrisca a tomar o papel do outro, embora não suporte o outro no seu papel.
- 5) Nesta etapa já pode haver concomitância na troca de papéis entre a criança e a outra pessoa (inversão de papéis).

Quando fala em três fases Moreno junta as de n.ºs 2 e 3 numa única e também as de n.ºs 4 e 5 do seguinte modo:

- 1) Fase do Duplo que é a fase da indiferenciação e onde a criança precisa sempre de alguém que faça por ela aquilo que não consegue fazer por si própria, necessitando portanto de um ego-auxiliar. Inspirando-se no doublé do cinema, Moreno chamou esta fase de DUPLO.
- 2) Fase do Espelho onde existem dois movimentos que se mesclam: o de concentrar a atenção em si mesma esquecendo-se do outro e o de concentrar a atenção no outro ignorando a si mesma. Pelo fato de nesta fase a criança ver sua imagem refletida na água ou no espelho e estranhá-la dizendo "olha o outro nenê", Moreno deu a esta fase o nome de ESPELHO.
- 3) Fase de Inversão onde, em primeiro lugar, existe a tomada do papel do outro para em seguida haver a inversão concomitante dos papéis.

#### Átomo Social

Quando nos referimos à Matriz de Identidade, falamos a respeito das pessoas de maior proximidade afetiva da

criança, que nasce dentro de um meio social. Por outro lado, referindo-nos ao fator Tele, mostramos que este representa a determinação da percepção sobre experiências e possibilidade de estabelecer vínculos afetivos.

O átomo social de um indivíduo decorre de determinações sócio-econômicas e do fator Tele. Por exemplo: A tem 6 anos, mora com a mãe, um irmão e a avó, numa pequena vila. Seu pai foi embora, ninguém sabe onde ele está. Além da escola e da vizinhança, A não tem acesso a outros ambientes. Vamos supor que não capte, de modo algum, a imagem ou o significado desse pai que foi embora, nem sequer como pai ausente. Nesse caso, alguns dentre eles ou todos, os familiares mencionados fazem parte de seu átomo social, mas não o pai. Façamos agora outra hipótese: A tem uma imagem vaga desse pai que o deixou e fantasias a respeito de sua ausência. Sua percepção da ausência do pai corresponde à realidade e, nesse caso, a figura paterna faz parte de seu átomo social.

Com o exemplo acima procuramos esclarecer o motivo pelo qual Moreno afirma que o átomo social de um indivíduo vai tão longe quanto a sua tele-sensibilidade.

Para Moreno átomo social é a configuração social das relações interpessoais que se desenvolvem a partir do nascimento. Em sua origem, compreende a mãe e o filho. Com o correr do tempo vai aumentando em amplitude com todas as pessoas que entram no círculo da criança e que lhe são agradáveis ou desagradáveis e para as quais, reciprocamente, ela é agradável ou desagradável. As pessoas que não lhe causam impressão alguma, nem positiva nem negativa, ficam fora do átomo social como meros "conhecidos". É por isso que o "átomo social tem uma tele-estrutura característica e uma constelação em permanente mudança".

Com efeito, uma vez que a imagem que o indivíduo tem de si mesmo, suas crenças e convicções podem mudar, é preciso levar em conta que a transformação da autoimagem, das relações que cada um tem consigo mesmo, podem alterar o átomo social e vice-versa.

#### As Redes Sociométricas

As redes sociométricas são compostas por vários átomos sociais, nem sempre evidentes. Por exemplo, se A se relaciona com B, a relação entre estes dois indivíduos não implica necessariamente que cada um se relacione com todas as pessoas que formam o átomo social do outro. No entanto, no mapeamento de uma rede, podem se evidenciar ligações que têm influência sobre a relação entre A e B, que não eram claras para estes.

As redes sociométricas são fenômenos objetivamente observáveis, apesar de, na sua constituição, decorrerem também de variáveis subjetivas. Dentre essas variáveis, estão a tele-sensibilidade de cada um, as correntes de afetos que permeiam as inter-relações determinantes do átomo social (que, por sua vez, participa da formação da rede sociométrica).

Os fenômenos subjetivos não são, contudo, as únicas variáveis determinantes da *rede sociométrica*, pois não são tampouco os únicos fatores determinantes da inserção de um indivíduo num meio sócio-econômico. As redes formamse também a partir dos diversos *papéis* que cada um desempenha. Um exemplo claro de papel que nem sempre é espontaneamente escolhido é o *papel profissional*.

Muitas vezes, a principal inserção de um indivíduo numa dada *rede sociométrica* depende do seu papel profissional, cuja escolha é limitada pelas oportunidades que encontra na classe social em que nasce.

## 7

### TEORIA DOS PAPÉIS

Moreno atribuía a inspiração de sua teoria dos papéis mais ao teatro do que à sociologia contemporânea. Apesar dos pontos que sua teoria pudesse ter em comum com as famosas formulações do sociólogo norte-americano G. H. Mead, ele lembrou que sua definição e instrumentação psico e sociodramática do conceito foi anterior à publicação da obra em que G. H. Mead o aborda. Também a publicação das obras Teatro da Espontaneidade (1923) e Fundamentos da Sociometria — Quem Sobreviverá? (janeiro de 1934) foi anterior à publicação do livro póstumo de G. H. Mead, Mind, Self and Society (dezembro de 1934).

Sem nos determos para um levantamento dos estudos históricos, etimológicos e sociológicos que instigaram vários autores na busca da origem, do significado e do uso da palavra papel, mencionamos apenas algumas observações relevantes do próprio Moreno.

"O termo inglês role (= papel), originário de uma antiga palavra que penetrou no francês e inglês medievais, deriva do latim rotula. Na Grécia e também na Roma Antiga, as diversas partes da representação teatral eram escritas em 'rolos' e lidas pelos pontes aos atores que procuravam decorar seus respectivos 'papéis'; essa fixação da palavra role parece ter se perdido nos períodos mais incultos dos séculos iniciais e intermediários da Idade Média. Só nos séculos XVI e XVII, com o surgimento do teatro moderno, é que as partes dos personagens teatrais foram lidas em 'rolos' ou fascículos de papel. Dessa maneira, cada parte cênica passou a ser designada como papel ou role."

Como vimos comentando, as teorias morenianas sempre se referem ao homem em situação, imerso no social e buscando transformá-lo através da ação. O conceito de papel que pressupõe inter-relação e ação, é central nesse conjunto articulado de teorias, imprescindível sobretudo para a compreensão da teoria da técnica terapêutica.

As teorias psicodramáticas levam o "conceito de papel a todas as dimensões da vida". Com efeito, elas o utilizam para abordar a situação do nascimento, e a existência, enquanto experiência individual e enquanto modo de participação na sociedade.

Destaquemos inicialmente os dois sentidos fundamentais referidos pelo termo "papel", tal como é assimilado pelo Psicodrama: compreendem unidades de representação teatral e de ação e funções sociais.

No teatro, atores desempenham papéis diante de um público. Quando uma atriz toma e interpreta o papel da personagem Cármen, ela procura mostrar, em seu desempenho, o modo de ser, o comportamento singular da personagem. Essas características observáveis da personagem são identificadas, reconhecidas pelo público, que vai sabendo distingui-las das que são próprias de outros personagens. O papel Cármen consiste em um conjunto único de ações e de atitudes.

Na vida real, em sociedade, os indivíduos têm funções, determinadas por circunstâncias sócio-econômicas, por sua inserção numa determinada classe social, por seu átomo social e por sua rede sociométrica. Assim, há papéis profissionais: marceneiro, metalúrgico, médico etc.; há papéis determinados pela classe social: patrão, operário, sem-terra, fazendeiro etc.; papéis constituídos por atitudes e ações adotados a partir dos anteriores: líder, revolucionário, negociador, repressor etc.; papéis afetivos: amigo, inimigo, companheiro etc.; papéis familiares: pai, mãe, filho, patriarca, idiota da família, sucesso da família etc.; papéis nas demais instituições: diretor, deputado, coordenador,

reformador etc. Nesses exemplos, que não são exclusivos entre si, não pretendemos oferecer uma lista de categorias que esgotem as referências do termo papel, pois seria pretensão absurda.

É possível, contudo, afirmar que todos os papéis acima têm algo em comum: são observáveis. Entusiasmado com a objetividade do fenômeno que estudava, Moreno argumentou que o conceito de papel era mais apropriado que o de personalidade, cujas formulações vagas impediam que fosse relacionado a fatos observáveis e mensuráveis. Definiu papel como a menor unidade observável de conduta.

Em outra definição, destacou o aspecto da dinâmica inter-relacional pressuposta pelo observador dessa "unidade de conduta":

"O papel é a forma de funcionamento que o indivíduo assume no momento específico em que reage a uma situação específica, na qual outras pessoas ou objetos estão envolvidos."

Moreno destacou algumas outras definições de "papel" que, como podemos notar, são abrangidas pelas primeiras:

Pessoa imaginária criada por um dramaturgo. Exemplo: Cármen, Otelo, Fausto.

Modelo de experiência — pessoal real ou personagem imaginária cujo modo de ser ou escolha existencial determina características evidentes de comportamento; nestas, há predomínio de uma opção, de um traço de "personalidade" ou de uma paixão: Cármen — a insubmissão; Otelo — o ciúme; Fausto — o desejo do saber absoluto.

"Parte" de uma pessoa real representada por um ator — a agressividade de Bárbara, a obsessão de Roberto por horários, a indecisão de Frank.\*

<sup>\*</sup> Utilizamos aqui nomes dados por Moreno a clientes seus, em relatos clínicos.

Caráter ou função assumidos dentro de uma realidade social: polícia, juiz, médico, congressista.

Cristalização final de todas as situações em que o indivíduo desenvolveu um modo de realizar operações específicas: pai, mãe, piloto de aviões, professor.

Apesar das várias formas e modalidades de definição que se possam atribuir aos papéis, convém salientar que, para a teoria moreniana, "todo papel é uma fusão de elementos privados e coletivos . . . Um papel compõe-se de duas partes: o seu denominador coletivo e o seu diferencial individual".

Podemos, então, propor a seguinte definição, abrangendo as anteriores: papel é a unidade de condutas interrelacionais observáveis, resultante de elementos constitutivos da singularidade do agente e de sua inserção na vida social.

#### A Origem dos Papéis na Matriz de Identidade

Na história do indivíduo, os *papéis* começam a surgir no interior da Matriz de Identidade, que constitui "a base psicológica para todos os desempenhos de papéis".

Para Moreno, "o ego deriva dos papéis" e o que se costuma chamar de "personalidade" deriva de fatores GETA: genéticos, espontaneidade, tele e ambiente. Ora, esses fatores, por definição, estão presentes desde a primeira fase da Matriz de Identidade.

Afirmando que o processo de aquisição e de desenvolvimento de papéis deve ser "estudado desde as fases préverbais da existência", ele utilizou nomes para as três principais fases da matriz, que são indicativos da gênese dos papéis:

1.a) Matriz de Identidade Total Indiferenciada (Fase do Duplo).

- 2.º) Matriz de Identidade Total Diferenciada ou de Realidade Total (Fase do Espelho).
- 3.ª) Matriz da Brecha entre Fantasia e Realidade (Fase de Inversão de Papéis).

As fases de *Identidade Total*, indiferenciada e diferenciada, constituem o Primeiro Universo da criança.

#### Papéis Psicossomáticos

Formas de funcionamento, na situação de dependência que caracteriza a Matriz Indiferenciada, os papéis psicossomáticos são também os primeiros dentre os "papéis precursores do ego". Apesar de atendidos pelos egos-auxiliares (pessoas que cuidam da criança), estes esboços de papéis não permitem relacionamento de pessoa a pessoa. Não se pode pressupor, pelo fato de serem chamados de "papéis", que correspondam a unidades de ação bem delimitadas, nem que pertençam a um sujeito que se relaciona com outro, enquanto tal; a criança desse período ainda não tem uma unidade própria, e não estão diferenciados, para ela, outras pessoas e objetos.

Com efeito, no mundo da Matriz de Identidade Total não há ainda inter-relação propriamente dita, tal como ocorre num mundo físico, afetivo e social já constituído para um agente. Entretanto, já há relação, numa certa medida, nas respostas que os papéis psicossomáticos recebem do ego-auxiliar (obviamente incluindo o clima afetivo-emocional). Assim, é claro que cada criança vive de um determinado modo seus papéis psicossomáticos, dependendo das atitudes e satisfações que encontra nos primórdios da identidade. Mas nenhuma caracterologia determinista foi derivada dessas constatações na teoria moreniana.

Desde a formação dos papéis psicossomáticos, tudo se passa como se cada papel surgido tendesse a se aglutinar com outros, formando um aglomerado ou "cacho" de papéis.

Em síntese, a partir do modo pelo qual foram experienciados os papéis psicossomáticos e do desenvolvimento de seu fatores T e E, a criança continua o processo de assimilação de novos aglomerados de papéis. Inicialmente, sem que ela possa fazer distinção entre papéis reais e papéis imaginários.

Chamando a segunda fase da matriz de fase de realidade total, Moreno procurou destacar o fato de que, nessa etapa, a criança ainda não distingue indivíduos e objetos reais de indivíduos e objetos imaginários.

Na fase de realidade total, a criança começa a "imitar" algumas formas de ação que observa. Mas ainda não é capaz de representar ou desempenhar papéis, sem confundir com aspectos seus aquilo que observa e estabelecendo distinção entre papéis reais e imaginários.

Para Moreno, entre a primeira e a segunda fase da matriz, "o processo de construção de imagens e o processo de co-ação, na adoção do papel do comedor, fornece-nos uma chave para as causas subjacentes no processo de aprendizagem emocional, atribuído por alguns à imitação".

Com efeito, é mais coerente com sua teoria falar em processo infantil de adoção de papéis, do que em imitação:

"Essa adoção infantil de papéis consiste em duas funções: dar papéis (dador) e receber papéis (recebedor). Na situação alimentar, por exemplo, a concessão de papéis é feita pelo ego-auxiliar (mãe) e o recebimento de papéis é feito pelo filho, ao receber o alimento. A mãe, ao dar alimento, aquece-se em relação ao filho para a execução de atos de uma certa coerência interna. O bebê, por seu lado, ao receber o alimento, aquece-se para a execução de uma cadeia de atos que também desenvolvem um certo grau de coerência interna. O resultado dessa interação é que se estabelece, gradualmente, uma certa e recíproca expectativa de papéis nos parceiros do processo. Essa expectativa de papéis cria as bases para todo o intercâmbio futuro de papéis entre a criança e os egos-auxiliares."

#### Papéis Sociais e Papéis Psicodramáticos

Esses dois outros tipos de papéis emergem marcando a superação das fases de indiferenciação e de realidade total da matriz, quando se instaura a fase da brecha entre fantasia e realidade.

Aos poucos, com o desenvolvimento neuropsicomotor, da inteligência e dos fatores E e T, a função de realidade introduz uma mudança fundamental, inaugurando uma nova etapa, o Segundo Universo.

"A função de realidade opera mediante interpolações de resistências que não são introduzidas pela criança, mas que lhe são impostas por outras pessoas, suas relações, coisas e distâncias no espaço, e atos e distâncias no tempo."

É importante salientar que, nesse período, a imaginação não perde seu poder nem sua função. Apenas fica delimitado o seu âmbito.

Atingidas as condições para a "separação" entre produções imaginárias e realidade, conquistam-se os papéis psicodramáticos. A adoção dos primeiros é seguida pela capacidade de desempenhá-los, que aumenta à medida que opera com mais eficácia a função de realidade. Como numa relação entre figura e fundo, em que ambos os elementos são simultaneamente configurados por uma linha, os papéis sociais e psicodramáticos são simultaneamente separados, e ganham consistência, com a brecha, que funciona como uma linha móvel (para compreender essa mobilidade, podemos imaginar uma linha desenhada por um barbante).

A função psicodramática é a contrapartida da função de realidade. Nos papéis sociais opera predominantemente a função de realidade, e nos papéis psicodramáticos, a fantasia ou função psicodramática.

Os papéis psicodramáticos correspondem à dimensão mais individual da vida psíquica, "à dimensão psicológica do eu", e os papéis sociais, à dimensão da interação social.

Tornando-se distintos na terceira fase da matriz, os papéis sociais e psicodramáticos mantêm sua tensão dinâmica, também formando cachos ou aglomerados que se transformam ao longo da vida do indivíduo.

Cumpre assinalar que a função psicodramática também pode encontrar resistências, mas unicamente por parte do agente (a criança ou adulto) quando ele, por exemplo, teme uma "volta" a etapas anteriores da matriz.

"A fantasia ou função psicodramática está livre dessas resistências extrapessoais, a menos que o indivíduo interponha a sua própria resistência."

Com a presença das funções de realidade e psicodramática, completam-se, na terceira fase da Matriz de Identidade, as condições para o surgimento do ego. Os aglomerados ou "cachos" de papéis, correspondendo aos "papéis precursores do ego", formam "egos parciais", psicossomático, psicodramático e social.

Da dinâmica entre aglomerados de papéis, que são comunicantes entre si, através de "vínculos operacionais", constitui-se o ego:

"O ego inteiro, realmente integrado, de anos posteriores, ainda está longe de ter nascido. Têm de se desenvolver, gradualmente, vínculos operacionais e de contato entre os conglomerados de papéis sociais, psicológicos e fisiológicos, a fim de que possamos identificar e experimentar, depois de sua unificação, aquilo a que chamamos o 'ego' e o 'si mesmo'."

Os papéis psicodramáticos, também chamados "psicológicos", e os papéis sociais correspondem a conjuntos diferenciados de unidades de ação. Na fase da Brecha entre Fantasia e Realidade, adquire-se também, portanto, a capacidade de iniciar processos de aquecimento diferenciados, para o desempenho de um e de outro tipo de papel. Só assim se exerce a espontaneidade com a adequação da ação do sujeito a seus próprios papéis. Não devemos nos esquecer, além do que foi esclarecido acima, de que é com as aquisições instauradoras do Segundo Universo que passam a operar a representação e a inversão de papéis.

Com efeito, é somente com a integração dos papéis precursores, por volta dos três anos de idade, que a criança dispõe de um ego e de uma identidade, que lhe permitem relacionar-se como indivíduo, com outros egos, outras pessoas, e entrar em relação mais ou menos télica com outras "identidades".

Gradualmente, a experiência da realidade permite que, à adoção de papéis, iniciada com os papéis psicossomáticos, venham se acrescentar às várias possibilidades de interação dos papéis sociais e psicodramáticos.

De acordo com o grau de liberdade ou de espontaneidade, o processo de desenvolvimento de um novo papel passa por três fases distintas:

- 1) Role-taking tomada do papel ou adoção do papel, que consiste em simplesmente imitá-lo, a partir dos modelos disponíveis.
- 2) Role-playing é o jogar o papel, explorando simbolicamente suas possibilidades de representação.
- 3) Role-creating é o desempenho do papel de forma espontânea e criativa.

#### Papéis Psicodramáticos no Psicodrama

Os papéis psicodramáticos são "personificações de coisas imaginadas, tanto reais quanto irreais".

No teatro terapêutico e no Psicodrama, enquanto Psicoterapia, os papéis desempenhados, durante a dramatização, constituem papéis psicodramáticos, no sentido mais óbvio. Entretanto, Moreno pretendia que a ação dramática terapêutica levasse a algo mais do que a mera repetição de

papéis tais como são desempenhados no quotidiano. A ação dramática permite insights profundos, por parte do protagonista e do grupo, a respeito do significado dos papéis assumidos. Os papéis psicodramáticos evidentemente têm seus complementares na ação dos co-atores e do grupo, que assistem ao drama e nele se vêem representados.

No contexto dramático, por meio do papel psicodramático, o protagonista reproduz aspectos seus e do grupo, torna-os presentes, está no lugar de elementos do grupo, é uma espécie de procurador do co-inconsciente. Assim, o significado de *papel psicodramático*, apesar da definição óbvia, compreende uma referência teórica muito ampla.

#### Papéis Complementares

Na verdade, todos os papéis são complementares. São unidades de ação realizadas em ambiente humano ou na expectativa de inter-relação. Por exemplo, mesmo antes de seu encontro com Sexta-Feira, Robinson Crusoe, na solidão, agia a partir de uma série de papéis adquiridos em sua cultura e mantidos na expectativa de voltar ao convívio social.

O modo de ser, a identidade de um indivíduo decorre dos papéis que complementa ao longo de sua existência e de suas experiências, com as respostas obtidas na interação social, por papéis que complementam os seus.

Obviamente não há papel de senhor se não houver papel de servo e vice-versa. As contradições, crises e transformações dos *papéis complementares* fazem parte do próprio movimento da história. Papéis opostos ou solidários, de indivíduos diferentes, *completam* um o sentido do outro.

De certo modo, até os papéis psicossomáticos são já complementados pelos papéis de nutriz e de ego-auxiliar.

# 8

# TEORIA DA AÇÃO

O principal pressuposto moreniano a respeito da ação é o seguinte: a experiência da ação livre, isto é, espontânea, e correspondendo aos verdadeiros anseios do sujeito, permite-lhe recuperar suas melhores condições (incluindo-se os fatores E e T) para a vida criativa.

Moreno não definiu "ação". Não foi o primeiro pensador a deixar de lado a definição de um dos termos-chave de sua própria teoria. Tal omissão justifica-se em parte pelo fato de ter se dedicado a investigar o sentido da ação e de seu valor terapêutico; estava criando e descobrindo, talvez não pudesse delimitar, definindo.

# Ação Espontânea e Desempenho de Papel

Inegavelmente, há influência do Moreno pensador sobre o terapeuta Moreno. No Psicodrama, ele pressupunha que ainda sem submissão, encontrando-se como seu ser, em papéis imaginários ou correspondentes a funções assumidas dentro da realidade social, o indivíduo recuperava a capacidade de realizar transformações autênticas na sua vida, no relacionamento interpessoal e, até, na comunidade.

A realização da verdadeira ação espontânea equivale à criação e ao desempenho de papéis que correspondem a modelos próprios de existência.

Com efeito, a convalidação existencial moreniana refere-se à escolha radical de um papel transformador para si mesmo, ou à ação desencadeada a partir desse papel.

Ação Espontânea, Seinismo e Convalidação Existencial

Moreno foi um dos criadores do que era apresentado como uma nova filosofia: o seinismo (do verbo sein, "ser", em alemão). Nesse movimento jovem era central o princípio segundo o qual cada homem precisa encontrar o seu verdadeiro ser e agir de modo a convalidá-lo, isto é, agir em consonância com o reconhecimento profundo da própria escolha de valores.

Um dos exemplos que ele nos legou, de convalidação existencial, foi o da transformação radical realizada em sua vida pelo escritor russo Leon Tolstói. Habituado a uma vida cercada de conforto material e famoso, Tolstói teria a esta renunciado para fazer a experiência de viver como um camponês, um mujique, seguindo o seu verdadeiro desejo.

O exemplo parece romântico e, além disso, discutível, pois biografias do escritor não são garantia de que as coisas tenham com ele se passado do modo descrito. Mas este, como muitos outros, é simplesmente um exemplo dado para ilustrar uma idéia.

# Ação Espontânea e Fatores Intervenientes

Toda ação é interação por meio de papéis. Para agir em conjunto ou de forma combinada, as pessoas precisam de um tempo de preparação.

Na preparação para a ação, tudo se passa como se fossem desencadeados os fatores T e E. Com efeito, para interagir é necessário ativar a sensibilidade, a captação do movimento, do ritmo, dos sentimentos da outra pessoa; uma verdadeira afinação entre os agentes é indispensável para a ação efetiva.

Para agir de modo espontâneo, precisamos nos deter em nosso próprio estado e disposição numa dada situação. É preciso que "nos entendamos", conosco e com o outro.

Todo e qualquer ato está relacionado a três fatores, que se encontram também na origem do organismo humano, das idéias e dos objetos: *locus*, *matrix* e *status nascendi*.

O locus delimita a área ou local específico onde se dá um determinado processo.

A matrix é a parte nuclear de todo o processo.

O status nascendi é a pauta de ação primária, a preparação.

Encontramos em Moreno dois exemplos clássicos: o primeiro é o da flor, onde o locus é o caule onde ela cresce, o status nascendi é o estado de uma coisa que cresce até desabrochar em flor, e a matrix é a semente fértil, originadora da planta e da flor; o segundo exemplo refere-se à origem do organismo humano, onde o locus é a placenta uterina, o status nascendi é o tempo da concepção, e a matrix é o óvulo fertilizado do qual surge o embrião.

Estes conceitos, quando aplicados ao sujeito e suas inter-relações, recebem os nomes de zona, foco e aquecimento.

Dessa forma temos que:

Zona é o conjunto dos elementos atuantes e presentes numa ação determinada;

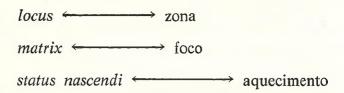
Foco é a região de coincidência dos diversos componentes da zona, sendo portanto o núcleo principal da zona.

Aquecimento é a preparação para agir de acordo consigo mesmo ou com outrem; é um processo que se constitui como uma indicação concreta e mensurável de que a espontaneidade começa a atuar (fator E em operação). Ele é disparado pelos *iniciadores*, que são meios de provocação do organismo, voluntários e involuntários, e que podem ser de natureza física, química, mental e social.

Moreno, num exemplo do desenvolvimento do papel de ingeridor, delimita a zona oral como sendo o conjunto da boca, lábios e língua do bebê e o peito, o leite e o mamilo da mãe, além do ar ambiental. Foco seriam os lábios do bebê

e o mamilo da mãe; e o movimento do processo específico de mamar, que se inicia, seria o aquecimento.

Enfatizamos, por fim, a correspondência dos fatores referidos:



Ação no Psicodrama: A Dramatização

A dramatização é o método por excelência, segundo Moreno, para o autoconhecimento, o resgate da espontaneidade e a recuperação de condições para o inter-relacionamento. É o caminho através do qual o indivíduo pode entrar em contato com conflitos, que até então permaneciam em estado inconsciente.

Todos os instrumentos e técnicas utilizados na sessão de psicodrama visam propiciar a ocasião para que o protagonista encontre os *papéis* que vem evitando ou mesmo vem desempenhando sem convicção nem espontaneidade. As vezes, na dramatização, encontra um modo liberto, inovador ou renovador de lidar com esses papéis.

Moreno propunha a atores, egos-auxiliares e protagonistas a utilização de seu corpo para desempenhar, com emoção autêntica, os papéis a partir dos quais iriam interagir. Assim, um jeito de andar, uma postura, um baixar os ombros, podem ser os *iniciadores físicos* utilizados no aquecimento para o desempenho de papéis.

Os iniciadores são, pois, mecanismos próprios, deliberada e conscientemente desencadeados pelos atores, ou movimentos e várias formas de expressão corporal, que o diretor do psicodrama pede que os protagonistas explorem, visando o aquecimento para o desempenho espontâneo e criativo de papéis na dramatização.

# Ação, Aquecimento e Teoria da Técnica

Na primeira etapa da sessão terapêutica de psicodrama, diretor, ego-auxiliar, grupo, casal ou cliente individual preparam-se para um clima de proximidade, favorecedor da ação dramática. A dramatização só pode ocorrer de modo proveitoso e espontâneo se o aquecimento for efetivo.

Se a sessão for grupal, o diretor ou a unidade funcional (diretor e ego-auxiliar) colocam-se, durante a fase de aquecimento inespecífico, a serviço da apreensão do clima afetivo-emocional e da escuta daquilo que é dito, consciente e inconscientemente, pelos membros do grupo. Nessa fase preparatória, procuram também reconhecer o protagonista.

# Aquecimento Inespecífico e Emergência do Protagonista

O protagonista emerge, escolhido pelo grupo ou descoberto pelo(s) terapeuta(s). O diretor precisa cuidar para não confundir a eleição de um elemento do grupo com a verdadeira emergência do protagonista. Muitas vezes o grupo procura escolher um falso protagonista — alguém que não representa o sentimento ou emoção predominante no grupo — para evitar (inconscientemente) o confronto consigo mesmo.

Acontece, eventualmente, de o protagonista ser todo o grupo; nesse caso, nota-se, na fase de aquecimento inespecífico, que o tema subjacente aos vários discursos manifestos é a relação dos membros do grupo entre si e/ou com os terapeutas.

# Aquecimento Específico e Dramatização

Aqui aquecimento específico é a preparação do protagonista para a dramatização; é, também, a manutenção do clima de envolvimento com a realidade vivida e dramati-

zada. Quando cliente e/ou terapeuta não conseguem manter afinação "télica", a dramatização ou não se inicia, ou é interrompida, ou cai no vazio. Se a transferência (no sentido moreniano) predomina sobre a tele-sensibilidade, o aquecimento específico é impossibilitado. Exemplos: o protagonista sente-se perseguido ou censurado pelo(s) terapeuta(s) ou pelo grupo; o terapeuta está tomado pelo desejo de exibir sua capacidade de dirigir ou quer provar alguma coisa para o protagonista.

# Dramatização e Papéis Não-Vividos

A dramatização é uma oportunidade para que o protagonista examine, através da experiência no "como se", o sentido profundo de papéis em que vem investindo sua fantasia.

A ação no "como se" às vezes permite o reconhecimento, e a posterior libertação, de papéis idealizados, que vêm impedindo a ação espontânea no quotidiano do protagonista. Por exemplo, na dramatização o protagonista pode, examinar seu papel, latente e profundamente arraigado, de professor "sabe-tudo"; ignora o quanto está inconscientemente comprometido com esse papel. Como essa unidade cristalizada de fantasia (esse papel imaginário e não-vivido) é irrealizável, pois ninguém sabe tudo, ela se mantém perturbando o sujeito em suas atividades e relacionamentos, fonte de ansiedade e frustração.

A experiência inversa também é possível: o protagonista pode, na dramatização, descobrir papéis que correspondam a seu verdadeiro modo de ser e que se tornam realizáveis.

Convém, pois, reafirmar que estes, tanto quanto outros exemplos de dramatização, constituem apenas modos de sugerir os contornos da realidade existencial a que se referem tanto a teoria quanto a prática psicodramática.

# Passagem ao Ato — "Acting-out"

Moreno introduziu em 1928 o termo acting-out para expressar o "atuar para fora aquilo que está dentro do paciente", contrapondo essa ocorrência à representação do papel teatral que é dado do exterior ao ator.

Ele distinguia dois tipos de acting-out: o irracional e incalculável, tendo lugar na própria vida, que é prejudicial ao indivíduo e suas relações \*; o terapêutico e controlado, que tem lugar no contexto dramático do tratamento.

Moreno acreditava que, com o devido aquecimento, o acting-out ocorreria favoravelmente no "como se" do contexto dramático, impedindo o cliente de se prejudicar no contexto social e facilitando, ainda, seu autoconhecimento. Em vez de provocar inadvertidamente o "atuar" dos conteúdos internos fora da relação terapêutica, o Psicodrama procura deliberadamente o acting-out como forma de tratamento. Através dos papéis psicodramáticos e da interação em cena, o cliente encontra condições para explicitar suas fantasias e emoções e de refletir a esse respeito, uma vez liberado da ansiedade.

O Psicodrama dramatiza para desdramatizar, isto é, pela acentuação, exagero até, pela encenação do ato enfim, permite que a tendência ao ato impulsivo e a repetitividade patológica dos papéis sejam esvaziadas.

# Catarse de Integração

É a mobilização de afetos e emoções ocorrida na interrelação, télica ou transferencial, de dois ou mais participantes de um grupo terapêutico, durante uma dramatização. Possibilita a um ou mais desses participantes a clarificação intelectual e afetiva das estruturas psíquicas que o(s) im-

<sup>\*</sup> Para referir-se ao acting-out irracional, Freud, em 1905, utilizou o vocábulo alemão agieren ao relatar o caso Dora.

pedem de desenvolver seus papéis psicodramáticos e sociais, abrindo-lhe(s) novas possibilidades existenciais.

Para Moreno, esse é o fenômeno que dá o verdadeiro sentido (valor) terapêutico ao Psicodrama. O termo vem da ampliação da catarse comentada por Aristóteles, que era o efeito do drama no público, como ocorria na tragédia grega. Na Psicoterapia, a catarse moreniana diferencia-se da catarse de ab-reação de Breuer e Freud, pois, através da ação dramática, o indivíduo torna-se inteiro, completando alguma etapa de seu processo de identidade.

A catarse de integração está incluída no processo terapêutico e constitui o ápice de um caminho, onde gradativamente vai havendo a integração sistemática de vários conteúdos que vão sendo trabalhados.

# A Catarse do Grupo

A depositação de seus próprios sentimentos e emoções na figura e no drama do protagonista permite que venham à tona conteúdos que também estavam afastados da consciência de outros participantes do grupo.

Os interesses, sentimentos e emoções vividos conjuntamente permitem, frequentemente, que os integrantes do grupo dêem voz àquilo que vinha sendo evitado, comunicando-se com seus companheiros e, posteriormente, com o protagonista. Há uma integração, não só de cada um em relação a si mesmo, mas também do grupo.

"Começa a parte da sessão que corresponde à Psicoterapia de Grupo. Os membros do grupo começam, um após outro, a comunicar entre si seus sentimentos e suas próprias experiências de conflitos análogos", diz Moreno.

9

# **TÉCNICAS**

### Técnicas Históricas

Em páginas anteriores vimos a história do Teatro Espontâneo e do Jornal Vivo. Agora vamos ver os elementos que dão força conceitual a estas técnicas e sua oportunidade na vivência prática.

A técnica do *jornal vivo*, diga-se logo, é apenas diferenciada do *teatro espontâneo* pelas características de sua abertura ou iniciação. Enquanto no *teatro espontâneo* o grupo busca, através das técnicas de aquecimento, o tema condutor do espetáculo, no *jornal vivo* o tema é encontrado a partir de manchetes dos jornais diários, lidas e escolhidas no processo de *aquecimento*.

Assim como o Teatro da Espontaneidade deu origem ao teatro terapêutico, o jornal vivo pode ser considerado o antecessor do sociodrama, porque permite ao grupo vivenciar o presente sociocultural da comunidade, numa experiência de criação coletiva, onde não há um protagonista individual, mas onde todos o são, a partir das notícias.

Tanto uma técnica quanto a outra atendem ao propósito original da gênese teatral: a catarse coletiva.

Princípio: Buscar o processo criador espontâneo, em status nascendi, no "aqui e agora" da situação.

As propostas fundamentais dessas técnicas são: a eliminação do dramaturgo e da peça escrita; tudo é improvisado: a obra, a ação, o tema, as palavras, o encontro e a

resolução dos conflitos; participação do auditório: todos são autores, espectadores participantes; não há cenários construídos classicamente: o cenário é aberto, cenário-espaço, espaço aberto, espaço da vida, a vida mesma, in situ.

Finalidades atuais dessas técnicas: estudo diagnóstico, exploratório, de situações existenciais, psicológicas e relacionais do grupo social; estudo de qualquer acontecimento para conclusões, dos pontos de vista psicossocial e institucional; busca de soluções dos problemas através da catarse de integração grupal e conseqüentes modificações da relação sociométrica do grupo, instituição ou comunidade trabalhada. Note-se que, após esse trabalho, o grupo fica livre para posicionamentos e reposicionamentos de sua dinâmica política.

Quanto à organização, essas técnicas não são amorfas e, portanto, não devem ser confundidas com o *happening*, pois propõem estruturação da forma, auto-realização criadora, inter-relação humana, participação de todos, relação do indivíduo com o grupo e com a sociedade. A partir daí propõem-se objetivos como: a compreensão da dinâmica e da patologia grupal, a explicitação da rede afetivo-emocional, as necessidades e possibilidades de mudança.

As etapas em que se desdobra o andamento do teatro espontâneo assemelham-se às de uma sessão de psicoterapia grupal ou de psicodrama; e não poderia ser diferente, pois, a partir dessa forma de teatro, organizaram-se as idéias e a prática psicodramáticas.

As etapas são:

De aquecimento — onde sobressai a gênese das idéias do grupo, a proposta da tarefa a ser executada e a pergunta: o que o grupo deseja protagonizar.

De dramatização e criação — onde sobressaem a busca da concepção dramática, a distribuição dos papéis, a "armação" do cenário e a lenta metamorfose dos atores. Nessa etapa ocorreria o auge da espontaneidade e da criatividade e a produção final do inconsciente grupal.

De compartilhar — onde é finalizada a dramatização específica, central na preocupação do grupo. Instala-se, então, o momento de compartilhar as emoções levantadas, percebendo o grupo a realidade de sua dinâmica co-inconsciente e ocorrendo outros tipos de reconhecimento afetivo e intelectual, necessários para possíveis transformações.

De comentários — onde os elementos do grupo ainda exercem sua tele-sensibilidade, mas há um predomínio da reflexão intelectual, buscando-se a elaboração do acontecido com o grupo como um todo e com cada um, atingido em sua individualidade.

### Resistências

O termo aqui não tem o sentido psicanalítico, mas pode até incluí-lo. Em Moreno, "resistência" significa dificuldade em se conseguir a participação de todos para a realização proposta. São elas: contradições ou exclusões na busca do tema comum; dificuldades dos participantes em utilizar a movimentação do corpo e de colocar o corpo em relação com o do seu próximo, através da mímica, dos gestos, dos toques; dificuldades em assumir os papéis distribuídos ou tomados, fixando-os em "tipos" da conserva cultural, evitando-se o espontâneo, o autenticamente criativo; dificuldades inerentes à própria personalidade do sujeito (personalidade no sentido "privado"), que provoca impossibilidade ou lentidão na produção das idéias resistência psicanalítica caberia aqui; dificuldades impostas de fora, pelos demais participantes que, no auditório, por omissão ou interferência indevida, não permitem o andamento do trabalho.

A superação das resistências ou dificuldades se faz através das técnicas de aquecimento. Regra básica e fundamental é a do aquecimento adequado, no tempo e na qualidade, com observação consequente do que está acontecendo e oportuna intervenção do diretor no ritmo da ação.

"Para cada unidade criativa existe um momento que é mais favorável para sua realização", diz Moreno.

O ritmo da ação dramática não corresponde ao da vida real. Não pode ser tão rápido que não consiga envolver protagonistas e participantes e não tão lento que crie o desinteresse como um elemento de resistência.

Após o status nascendi atinge-se um pico de tensão que em seguida vai caindo para um momento de relaxamento corporal e reflexão. O ato espontâneo é o que coincide, tanto quanto possível, com esse pico de tensão.

Nas crianças, nas pessoas sensibilizadas, nos artistas, nas culturas primitivas, a distância entre o *status nascendi* e a produção do ato espontâneo mais significativo é reduzida no seu tempo. Nas pessoas com excessiva autocrítica, exigentes, sofisticadas ou com patologias, esse tempo é mais amplo.

Há de haver um tempo de maturação, para que a aparição do ato espontâneo culminante seja a melhor.

Observa-se que as representações ligadas a temas de ordem cultural, antropológica, coletiva são mais fáceis de serem criadas ou recriadas. Os temas de ordem pessoal, referentes à "personalidade privada" do sujeito, são bem mais difíceis e por certo concernentes à Psicoterapia no nível do intrapsíquico.

O controle do ritmo da sessão pode ser realizado usando-se: mudanças de propostas cênicas, efeitos luminosos, cortes tipo cinematográfico.

Sem disciplina da direção, até o interjogo de atores, os mais criativos, poderá fracassar. Para evitar essa dispersão, o diretor deve ter bom conhecimento teórico das propostas morenianas, ser bem treinado em seu papel, estar bem entrosado afetiva e tecnicamente com os egos-auxiliares, ter boa percepção do que está ocorrendo, procurar a empatia com o grupo e exercitar a busca da relação télica, estar atento ao sistema de comunicação, através de obser-

vação direta e intuitiva, ter bom manejo da ordem das propostas cênicas, desenvolver senso de ritmo e senso de oportunidade.

### Técnicas Básicas

As técnicas básicas do Psicodrama são as que têm seu embasamento nas fases do desenvolvimento na Matriz de Identidade.

Existem três grandes momentos ou estágios no desenvolvimento do indivíduo na matriz, que recordamos agora, acrescentando a técnica básica correspondente.

# 1.°) Estágio de identidade total

Aqui a criança, a mãe e o mundo constituem um todo inseparável numa completa e espontânea identidade. A criança depende de alguém, que a auxilie, para sua sobrevivência, alguém que faça por ela aquilo que ainda não pode fazer por si mesma, de maneira semelhante ao que faz o doublé do cinema. Devido a tal semelhança Moreno denominou esse estágio de fase do duplo. A técnica que está embasada nesse estágio é a técnica do duplo, que no Psicodrama é feita pelo ego-auxiliar ou, algumas vezes, pelo diretor que expressa, num determinado momento, aquilo que o protagonista não está conseguindo expressar.

Inicialmente o ego-auxiliar adota a postura corporal do protagonista, procurando ter com ele uma sintonia emocional. A partir daí, expressa questões, perguntas, sentimentos e idéias, fazendo com que ele se identifique com este duplo; possibilita assim o *insight* do protagonista.

No Psicodrama bipessoal a técnica do duplo pode ser manejada pelo terapeuta da maneira que acabamos de descrever ou pode ser somente verbal, utilizando-se apenas o princípio da técnica como ocorre com o uso de frases como "Eu no seu lugar sinto que...".

A técnica do duplo, por ter seu embasamento no primeiro estágio da Matriz de Identidade, pode ser utilizada com qualquer protagonista, neurótico ou psicótico, e em qualquer momento da psicoterapia.

# 2.º) Estágio do reconhecimento do eu

"A criança concentra a sua atenção em outra pessoa e estranha parte de si mesma". Quando olha na superfície da água ou no espelho, a criança não percebe que é sua imagem que vê, mas de qualquer forma o que vê a atrai muito e, para testar, ela faz vários movimentos e caretas. Aos poucos, percebe que o "espelho" repete os seus movimentos e, para testar, torna a fazer vários movimentos e caretas. Finalmente reconhece que a imagem é dela própria, havendo aí um importante marco no seu processo de desenvolvimento. Por esse paralelismo Moreno denominou esta fase de "Fase do Espelho".

A técnica do espelho tem seu embasamento nessa vivência infantil, pois o protagonista, apesar de não ter um espelho real, vê seu comportamento como num espelho, através de um ego-auxiliar, que o representa no cenário. A técnica pode ser utilizada de duas formas: uma onde, no próprio contexto dramático, o ego-auxiliar entra e passa a espelhar o protagonista, que assiste a si mesmo, frente a frente. Em outra forma, o diretor retira o protagomsta de cena e fica ao seu lado, assistindo ao desempenho do ego-auxiliar, que toma seu lugar na dramatização. Essa segunda forma é menos chocante e dá maiores possibilidades de insight ao protagonista, que está apoiado pela presença do diretor. Está também embasado nesse estágio o trabalho com gravações em videoteipe, que possibilitam ao protagonista uma outra visão de si mesmo.

# 3.º) Estágio do reconhecimento do outro

Nessa etapa é comum que a criança proponha: "Tá bom que eu era mãe e você era filho?". Assim situa-se

ativamente na outra pessoa e representa o papel desta, ou seja, torna-se capaz de sair de si mesma e coloca-se no papel de sua mãe que, por sua vez, pode colocar-se no papel do filho.

Baseado nesse estágio, Moreno criou a técnica da inversão de papéis, dando também o mesmo nome a essa etapa de desenvolvimento.

No Psicodrama a técnica de inversão de papéis consiste em o protagonista tomar o papel do outro e este tomar o seu papel. Dessa forma só há uma verdadeira inversão de papéis quando as duas pessoas estão realmente presentes; exemplo: em todos os casos de confrontos entre elementos do grupo ou mesmo entre o protagonista e os terapeutas. Quando o papel a ser representado é do mundo interno do protagonista, o que ocorre é uma inversão incompleta ou simplesmente tomar o papel do outro, denominação que julgamos mais precisa.

É das três técnicas básicas, duplo, espelho e inversão, que surgem todas as outras já criadas ou por criar, pois qualquer outra técnica contém ao menos o princípio contido em alguma delas.

Moreno, no livro *Psicoterapia de Grupo e Psicodrama*, fala em 351 técnicas psicodramáticas, e todo psicodramatista experiente certamente já criou no seu trabalho alguma técnica; para isso, é de extrema importância que se aprenda o uso adequado e preciso das três técnicas básicas.

### Outras Técnicas

Auto-apresentação — o cliente que se propõe ao trabalho apresenta-se ao grupo falando de si. Em seguida, ou concomitantemente, escolhe papéis ou cenas, considerados significativos, para mostrar o que pretende naquele momento. Como exemplos, procura mostrar como desempenha um papel profissional, familiar ou como assume, em outros contextos, papéis tais como namorado, companheira etc. As situações dramatizadas podem referir-se ao passado, ao presente ou ao futuro. O protagonista pode contracenar com pessoas reais e presentes, tal como ocorre no psicodrama familiar ou de casal, mas pode solicitar a um dos membros do grupo, entre eles os terapeutas, que na função de ego-auxiliar interaja com ele.

Apresentação do Átomo Social — trata-se de uma autoapresentação específica, em que, por escolha própria ou por solicitação do terapeuta, o protagonista apresenta pessoas afetivamente significativas. No dizer de Moreno: "representa sua própria pessoa e as de suas relações subjetivas e unilateralmente, como as vê e não como realmente são. Representa seu pai, sua mãe, sua irmã, sua mulher e qualquer outra pessoa de sua célula social, do ponto de vista de sua subjetividade". É uma técnica freqüentemente utilizada em entrevistas iniciais e estudos diagnósticos.

Solilóquio — é uma das técnicas verbais utilizadas para tornar expressáveis níveis mais profundos do "mundo interpessoal" do protagonista. Moreno refere-se à fala do ator consigo mesmo em cena e lembra a sua utilização artística pelo dramaturgo Eugene O'Neill. No Psicodrama, o cliente a utiliza para "reproduzir sentimentos e pensamentos ocultos que teve realmente em uma situação com pessoa relacionada a ele na vida, ou agora, no momento da ação dramática".

Moreno afirmou, certa vez, que, durante o solilóquio, o terapeuta psicodramatista pode agir como "mediador" e, depois, como "analista", isto é, colaborando para que a vivência da situação se torne mais clara e, através de seus comentários, facilitar ao cliente o redimensionamento psicológico do significado de seu solilóquio.

Interpolação de Resistências — na verdade, Moreno utilizou esse nome para vários procedimentos técnicos, que têm em comum o fato de visarem "contrariar" disposições conscientes e rígidas do protagonista. Permitem ao cliente ter acesso a novos pontos de vista, mais flexibilidade em suas posições relacionais e buscar caminhos mais produtivos para sua tele-sensibilidade. Exemplo: o protagonista pede aos egos-auxiliares a execução dos mesmos papéis, sempre com as mesmas características; o diretor de cena. observador, pede aos "egos" que modifiquem os papéis complementares solicitados, permitindo ao protagonista uma inusitada e nova experiência. Outro exemplo: um cliente costuma queixar-se de situação repetitiva e desconfortável na vida familiar; a modificação do papel complementar é a oportunidade para que ele experiencie sua capacidade para perceber, bem como para transformar, o que é decorrente de suas próprias atitudes, na inter-relação da qual se queixava.

Concretização — trata-se da representação de objetos inanimados, entidades abstratas (emoções, conflitos), partes corporais, doenças orgânicas, através de imagens, movimentos e fala dramáticos, o que é feito pelo próprio cliente ou pelo ego-auxiliar. Por exemplo, Moreno relata-nos o diálogo que um protagonista tem com uma corda, com a qual foi amarrado, quando tinha a idade de 8 anos. A corda foi representada pelo ego-auxiliar. Com essa técnica, tornou-se manifesto o conteúdo daquilo que era simbolizado apenas nas referências verbais.

Realidade Suplementar — de modo geral as pessoas estão habilitadas a encontrar-se com partes psicológicas de si mesmas e também com pessoas que compartilham, subjetivamente, de seus conflitos mentais. Moreno chamava de dramatis personae ao rol de personagens que compunham as cenas fixadas na Matriz de Identidade do sujeito. Acontece, porém, que nem sempre as dramatis personae e as cenas em que estão envolvidas são reais, verdadeiras, com existência concreta. Mas as técnicas psicodramáticas permi-

tem a vivência de fatos subjetivos da necessidade emocional do cliente que até mesmo não tenham sido realidade. Permitir dramatizar o "não acontecido" é dramatizar o que Moreno denominou "realidade suplementar". A finalidade é conhecer e desvelar, no processo psicoterápico, o sentido e o significado dessa "realidade" para o protagonista. A técnica recebe o nome de "técnica da realidade suplementar"

### Onirodrama

A palavra é de origem grega, onde *oneiros* significa sonho, e *drama*, ação. Moreno inclui o onirodrama entre as principais técnicas do Psicodrama, chamando-a de técnica psicodramática para a representação dos sonhos, ou técnica dos sonhos, ou ainda método dos sonhos. É a técnica que permite examinar o "sonho em ação", ou seja, revivê-lo na ação dramática.

No psicodrama o sonho é encarado como um processo criativo e no onirodrama o sonhador, além de dramaturgo, é o próprio ator; o indivíduo parte para a ação em lugar de simplesmente relatar as situações vividas em sonho, tornando-as visuais também na ação dramática.

A dramatização e o sonho são categorias pertencentes a processos semelhantes e ficam numa posição intermediária entre o devaneio e o delírio. Ressaltamos a seguir algumas características importantes do sonho e da dramatização.

No sonho todos os elementos e personagens são criações do sonhador e desaparecem com o seu despertar, ficando, portanto, toda ação e movimento sujeitos à sua determinação. Já na dramatização, apesar de serem criados pelo protagonista, os personagens são representados pelos egos-auxiliares, que podem ajudá-lo a mudar o curso da ação.

Quanto às categorias de espaço e tempo, elas inexistem no sonho, que pode conter passado, presente e futuro condensados, e o sonhador vive simplesmente o momento. Na dramatização tanto o passado quanto o futuro são "presentificados" no "aqui e agora" do contexto dramático.

A dramatização constitui um instrumento de grande importância para o trabalho psicoterápico do devaneio, do sonho e do delírio, pois utiliza, de maneira similar, a linguagem das imagens. Assim, até mesmo o devaneio pode ser utilizado no trabalho psicodramático, pois podemos dirigi-lo qual fosse uma dramatização em cena aberta.

Sempre que estamos diante de um sonho vem a pergunta se este poderia ser dramatizado ou não.

A princípio qualquer sonho poderia ser trabalhado pelo onirodrama, mas a experiência mostra que os sonhos mais importantes para o indivíduo esclarecer são basicamente de três tipos:

- 1) Pesadelos sonhos com intensa emoção, comumente assustadores e que na maioria das vezes forçam o despertar.
- 2) Sonhos repetitivos surgem iguais ou com leves modificações, muitas vezes, durante anos.
- 3) Sonhos focais são, na maioria das vezes, curtos e pobres em imagens, mas sempre apresentam emoções fortes associadas, e o sonhador sente uma necessidade premente de clarificá-los.

À medida que um sonho de qualquer desses três tipos é comentado, podemos propor um onirodrama, que trará certamente ao sonhador algum esclarecimento ou permitirá o acesso a algum conflito interno de importância.

A melhor proposta de trabalhar um sonho seria a dramatizada, revivendo-o na ação, de forma mais pura. No entanto, quase sempre a pessoa que apresenta um sonho em sessão de psicoterapia individual o faz verbalmente, insistindo relatá-lo assim. Sempre que possível deve-se propor a dramatização imediata, antes de qualquer iniciativa oral.

No Psicodrama de Grupo, antes de mais nada é preciso verificar se quem traz o sonho está escolhido previamente por cada componente do grupo e seu compromisso com a escolha.

Em situações grupais o sonho é sempre contado verbalmente antes, pois em geral constitui dado importante para que os elementos do grupo possam estar juntos com o protagonista durante o onirodrama.

### Como Dramatizar

Pedimos, de início, que o protagonista refaça o dia que antecedeu ao sonho. Essa é a fase denominada présonho, que pode ser aquecimento importante para o onirodrama e frequentemente dá elementos de uma dinâmica, que posteriormente aparece no sonho de forma simbólica. A fase do pré-sonho, onde normalmente se utiliza a técnica do solilóquio, vai até o momento em que o indivíduo deita "na cama" para dormir.

Já deitado em "sua cama", pedimos que o protagonista feche os olhos e passe a olhar para dentro de si. Logo que o sonho voltar a aparecer, como se fosse um filme, ele deve avisar; indagamos também se costuma dormir de luz acesa ou apagada, e isso é respeitado no contexto dramático.

Imediatamente após o aviso do protagonista, propomos a entrada no "mundo dos sonhos", mudamos a iluminação, desfazemos a cena do seu quarto e pedimos que coloque em cena todos os elementos do sonho.

É importante essa demarcação, porque facilita ao protagonista entrar no mundo onírico, onde impera uma lógica diferente daquela que dirige o pensamento das pessoas quando despertas.

Entramos, então, na cena do sonho propriamente dita, onde é importante a exploração de cada elemento que aparece, pois às vezes um pequeno detalhe pode simbolizar

uma situação importante do sonhador. Essa investigação dos diversos elementos é feita principalmente através da técnica da inversão de papéis.

Muitas vezes trabalhamos com uma cena única, ou seja, sempre na cena do sonho; outras vezes o sonho é apenas a primeira cena, onde identificamos um elo dramático que nos conduz a outras cenas (latentes) necessárias para a identificação da situação conflitual do protagonista.

O trabalho com o onirodrama pode ser utilizado até mesmo com o indivíduo psicótico, facilitando-lhe, a partir do sonho, a revivência do ocorrido no surto, pois conduz rapidamente aos conteúdos conflituais, possibilitando a sua elaboração.

Sempre que o protagonista traz um sonho, de preferência dos três tipos já referidos, podemos propor o onirodrama, que poderá ser feito em cena aberta, ou através do devanejo dirigido e sempre trará clarificação de aspectos obscuros ou mesmo a elaboração de conflitos importantes.

# ILASIDAE XI IBOUES GROUPS

# 10

# PRÁTICA PSICODRAMÁTICA

A prácica psicodramática assenta-se sobre o tripé: contextos, instrumentos e etapas.

### Contextos

Contexto é o encadeamento, de vivências privadas e coletivas, de sujeitos que se inter-relacionam numa contingência espaço-temporal. Três são os contextos do Psicodrama: social, grupal e dramático.

### Contexto Social

È constituído: pela realidade social tal "como é"; pelo tempo cronológico, das folhinhas e relógios, e pelo espaço concreto, geográfico.

Cada comunidade ou sociedade tem características próprias: antropológicas, culturais, econômicas e políticas; daí resultam as leis, as normas e regras que as regulam e disciplinam. Muitas informações, relatos e vivências de clientes referem-se ao meio social de onde provêm. Também a Matriz de Identidade, que formou os primeiros papéis do sujeito, pertence ao contexto social, bem como o seu "átomo social".

# Contexto Grupal

É constituído: pela realidade grupal tal "como é"; pelo tempo cronológico dentro de um intervalo previamente estabelecido e combinado, e pelo espaço concreto, que pode ser escolhido e delimitado.

Este contexto, em seu aspecto virtual (realidade grupal), de certo modo está contido no grupo, que o forma a partir de situações definidas e objetivos específicos.

O contexto grupal psicodramático pressupõe uma estrutura desvinculada de modelos controladores, coercitivos e destrutivos.

Os terapeutas (diretor e egos-auxiliares) e demais participantes constituem os elementos componentes do grupo e são eles que, em suas interações, compõem a trama do contexto grupal. Cada sujeito traz o seu átomo social para o grupo, conjugando-o com sua rede sociométrica.

No contexto grupal é que se propõe e se delineia o trabalho da sessão.

O contexto grupal é estudado pela Sociodinâmica e pela Sociometria. O co-inconsciente permeia o contexto grupal. Há sinais objetivos e até visíveis, não-verbais, que podem ser observados pela movimentação e pelo gestual dos participantes, traduzindo uma dinâmica própria, objeto dos estudos socionômicos.

O grupo, em seu contexto, pode representar a "miniatura" ora de uma família, ora de uma sociedade, ou, ainda, constituir-se como uma nova Matriz de Identidade.

### Contexto Dramático

É constituído: pela realidade dramática no "como se"; pelo tempo fenomenológico, subjetivo, e pelo espaço também fenomenológico, virtual, construído sobre o espaço concreto, devidamente marcado.

Para a compreensão fundamental desse contexto é preciso lembrar que nele tudo ocorre no "como se fosse" do imaginário e da fantasia.

Aí o sonhador, o ético e o pecador, como diria Moreno, têm oportunidade, em ambiente protegido, de tecer sua história. Aí realiza-se o "homem cósmico", o homem da criatividade simbólica; expandem-se e reduzem-se os átomos sociais; criam-se e recriam-se papéis. Trabalha-se a um só tempo — presente, passado, futuro. Nesse contexto ocorre a "catarse de integração", a principal forma de cura do Psicodrama. Nele manifestam-se o co-inconsciente e o inconsciente individual.

Na prática o contexto grupal pode ser psicologicamente atingido pela "catarse de integração" do(s) protagonista(s), que se dá em contexto dramático.

Em comum acordo com o grupo o terapeuta pode propor que o contexto dramático, em certo momento, englobe o contexto grupal. Aí todos estarão em contexto único, até o término do compromisso assumido com a proposta.

### Instrumentos

Instrumento é o meio empregado na execução do método e das técnicas psicodramáticas.

Cinco são os instrumentos do Psicodrama:

Cenário: é um espaço multidimensional e móvel onde ocorre a ação dramática, "projetado de acordo com as necessidades terapêuticas". Na prática a decoração do ambiente é mais constituída por convenções estabelecidas, entre o diretor e o protagonista, do que por um arsenal de objetos materiais, que sugiram com fidelidade o ambiente em que se desenrola a cena. Uma linha traçada imaginariamente pode valer como uma parede, uma porta; uma cadeira ou uma almofada pode representar uma mesa, uma casa,

e até uma cidade. O indispensável é que todos os participantes adotem as mesmas convenções em relação ao espaço utilizado; só assim é possível, pelo trabalho da imaginação, projetar em objetos simples o clima afetivo da cena.

Protagonista: a palavra vem do grego: proto = primeiro, principal; agonistes = lutador, competidor. Dá-se esse nome ao sujeito que emerge para a ação dramática, simbolizando os sentimentos comuns que permeiam o grupo, recebendo por parte deste aquiescência para representá-lo, a partir da dinâmica sociométrica.

Diretor: é o terapeuta que coordena a sessão. Tem três funções: diretor da cena propriamente dita, terapeuta, do protagonista e do grupo, e analista social. Como diretor de cena promove o aquecimento, aguça sua sensibilidade para procurar, juntamente com o protagonista e os egosauxiliares, a melhor direção para a encenação do drama, mantendo o tele com o público. Como terapeuta está atento a sua interação com o protagonista e aos sentimentos, emoções e pensamentos que ocorrem na inter-relação. Como analista social, juntamente com os egos-auxiliares, comenta com o protagonista, na fase do compartilhar, ou no momento que lhe parece oportuno, o que compreendeu da situação vivida em cena.

Ego-auxiliar: é o terapeuta que interage em cena com o protagonista. Também tem função tríplice: ator, auxiliar do protagonista (terapeuta) e observador social. Como ator, representa papéis, estando para isso habituado a utilizar seus iniciadores e a colaborar na manutenção do aquecimento específico. É o terapeuta que mais diretamente facilita a catarse, na medida em que participa diretamente do clima emotivo; muitas vezes, sua habilidade no desempenho do papel complementar facilita também insights por parte do protagonista. É observador social porque observa as inter-relações da micro-sociedade reproduzida em cena, do ponto de vista de alguém que dela participa. Comunica ao diretor aspectos que escapam a este, uma vez que o

diretor não está interagindo com o protagonista do mesmo modo.

Público: é o conjunto dos demais participantes da sessão psicodramática. Por seu compartilhar e comentários, na fase posterior à dramatização, é importante para a terapia do protagonista, ajudando-o, ao funcionar como uma caixa de ressonância ou tornando-se ele mesmo o protagonista coletivo.

# Etapas

A sessão de Psicodrama pode ser dividida em três etapas distintas: aquecimento, dramatização e compartilhar.

# Aquecimento

É o momento em que se dá a escolha do protagonista e a preparação para a dramatização.

Inicialmente dá-se o aquecimento inespecífico, que pode ser verbal ou corporal e termina com o surgimento do protagonista, que poderá ser um indivíduo ou o próprio grupo.

Em seguida há o aquecimento específico, ou seja, o aquecimento do protagonista, preparando-o para a ação dramática.

# Dramatização

Nessa etapa é que se dá a ação dramática propriamente dita. O protagonista, já devidamente aquecido, começa a representar, no *contexto dramático*, as figuras de seu mundo interno, presentificando seu conflito no cenário.

Aqui é que o ego-auxiliar tem a importante função de ajudar, de forma decisiva, o protagonista a perceber os vários aspectos dos elementos presentes na ação dramática.

Esta fase termina com a elucidação, encaminhamento ou a resolução do conflito exposto.

## Compartilhar

Moreno chama essa fase também de participação terapêutica do grupo. Nessa etapa cada elemento do grupo pode expressar: em primeiro lugar, aquilo que o tocou e emocionou na dramatização, os sentimentos nele despertados e também sua própria vivência de conflitos semelhantes. Em seguida são feitos outros comentários a respeito da cena a que assistiu.

É importante que o diretor não facilite comentários "críticos", pois para o protagonista, que se expôs inteiramente, isso não é justo. Para o elemento do grupo, o simples analisar é muitas vezes cômoda forma de resistência. Ao solicitar o compartilhar, o diretor faz com que cada indivíduo também se exponha e fique em igualdade de condições com o protagonista.

Existem ainda duas outras etapas que podem ocorrer numa sessão de Psicodrama: a *elaboração* e o *processamento*. Estas etapas não estão referidas na obra de Moreno, mas, devido a seu uso corrente, é importante sua clarificação didática.

- A elaboração se dá em intervalo de tempo coordenado pelo diretor, que tem finalidade terapêutica; pode ser feita em seguida ao compartilhar ou no início da sessão seguinte, como parte do aquecimento inespecífico. O diretor rememora com o protagonista o ocorrido na dramatização, auxiliando-o a entender os conteúdos expressos e relacionando-os com o seu processo terapêutico.
- O processamento só ocorre em psicoterapia ligada ao ensino do Psicodrama. É um tipo especial de elaboração, pois refere-se aos aspectos técnicos da sessão e do processo do indivíduo.

No Psicodrama didático, principalmente em grupos de clientes onde todos são profissionais, o processamento é sempre a última etapa da sessão ou a primeira da sessão seguinte. Com este procedimento fica mais fácil perceber o acontecido na dramatização, além de se clarificarem aspetos técnicos da sessão.

# **EPÍLOGO**

São grandes as dificuldades encontradas na leitura de Moreno, se exigirmos coerência absoluta e inexistência de contradições. Autor criativo e original, apresentou sua obra con, pouco rigor metodológico.

Para entender seus escritos é interessante conhecer as justificativas como conferencista feitas no prefácio da edição alemã de *Psicoterapia de Grupo e Psicodrama*: "Falo sempre livremente, isto é, sem preparação para cada conferência; afinal isso seria também inoportuno, porque o problema do *eu* que cada grupo tem pode ser diretamente, *hic et nunc*, vivido com o grupo e trabalhado diante dos seus olhos". De fato os livros de Moreno transparecem como cópias de suas conferências.

# 1. Roteiro para Leitura Linear de Moreno

Para que o interessado em conhecer Moreno possa ter melhor compreensão, sugerimos uma ordem na leitura de seus livros:

1.°) Fundamentos do Psicodrama — publicado pela Summus Editorial em 1983, tradução do original em inglês Psychodrama — Foundations of Psychotherapy, 2.° vol., por Maria Silvia Mourão Neto.

É nesse livro que o criador do Psicodrama deixa os seus conceitos mais claros e sistematizados e também onde assume posições mais evidentes. A edição original foi publicada em 1939 e faz parte de uma fase da obra de Moreno

que poderíamos caracterizar como a da solidificação de suas idéias.

O livro está dividido em seis palestras, das quais só a primeira ocorreu ao vivo numa viagem do autor pela Europa em 1954. Todas as conferências foram enviadas a 17 psiquiatras, 10 psicólogos, 6 sociólogos e 2 teólogos, proemientes profissionais da época dos quais ressaltamos: Nathan Ackerman, Franz Alexander, Gordon Allport, Medard Boss, Frieda Fromm-Reichmann, Serge Lebovici, Jules Masserman, Louis Cholden e Paul Johnson. Cada um deles mandou por escrito sua discussão e questões, e no final de cada capítulo Moreno faz uma tréplica.

Nos dois primeiros capítulos são discutidos: tele, transferência e inconsciente, numa psicoterapia interpessoal.

Essas colocações são complementadas pela sexta conferência, onde Moreno deixa evidente a caracterização do Psicodrama como uma psicoterapia existencial e a sessão psicodramática como uma experiência de base existencial.

Na terceira palestra aborda o tema do acting-out e sua utilização terapêutica no contexto psicodramático. No quarto capítulo fala do homem espontâneo, da aplicação da técnica da inversão de papéis e de seu uso com crianças.

Finalmente, a quinta conferência é um protocolo de trabalho realizado com um cliente que, na época da guerra, julgava-se Adolf Hitler. É extremamente ilustrativo, pois evidencia o trabalho psicodramático e suas possibilidades.

2.º) Psicoterapia de Grupo e Psicodrama — publicado pela Mestre Jou em 1974, em tradução de Antonio Carlos M. Cesarino do original alemão Gruppenpsychotherapie und Psychodrama de 1959. Constitui uma primeira tentativa do autor em expor suas idéias de maneira mais clara e objetiva, abordando essencialmente o Psicodrama, a Psicoterapia de Grupo e a Sociometria. Moreno descreve os contextos, as etapas, os instrumentos e as técnicas do Psicodrama, além de explicitar sua teoria socionômica.

Nesse livro estão situados os interessantes protocolos de Moreno, nos quais descreve e discute vários casos clínicos diagnosticados e tratados pelo Psicodrama. Ressaltamos casos de neurose, de psicose de adolescente, casal e até um caso de psicodrama individual sem a presença de um ego-auxiliar.

No protocolo de psicoses há o psicodrama de um sonho, mostrando sua forma característica de trabalhar com o mesmo.

3.°) Psicodrama — publicado pela Cultrix em 1975, em tradução de Álvaro Cabral do original Psychodrama, 1.° vol., de 1946.

Nesse livro está todo o cerne de sua obra, embora de maneira assistemática e em certos momentos difícil para o iniciante. É leitura obrigatória para quem deseja contato mais efetivo com o criador do Psicodrama, pois as idéias de Espontaneidade, Criatividade, Conserva Cultural, Momento, Matriz de Identidade e Teoria dos Papéis são aqui apresentadas.

No início do livro há uma introdução à 3.ª edição do original em inglês que traz, de maneira sucinta e mais clara, várias idéias fundamentais como Papéis, Co-inconsciente, Acting-out, Tele, Transferência, Espontaneidade, Diretor e Egos-auxiliares.

Na edição em português foram acrescentados três capítulos: psicomúsica, sociodrama e filmes terapêuticos, publicações que não faziam parte do texto original de *Psycho*drama, 1.° vol.

4.°) Fundamentos de la Sociometria — publicado pela Paidós, de Buenos Aires, traduzido por Bouza y Karsz, do original em inglês publicado em 1934 como Who shall survive?.

Ainda sem tradução para o português, é uma leitura difícil e densa, para ser feita já numa fase em que o interessado estiver dominando melhor as noções fundamentais.

5.°) O Teatro da Espontaneidade — publicado pela Summus em 1984 um dos poucos livros não traduzidos do espanhol.

Esse livro esclarece as idéias de Moreno sobre espontaneidade e criatividade. Mostra-nos também a relação histórica do Psicodrama com o teatro da espontaneidade e o teatro terapêutico. Moreno diz que esse livro marca a transição dos seus escritos religiosos para os científicos.

6°.) Las Palabras del Padre — ainda sem tradução para o português, esse é o primeiro livro escrito por Moreno com o título em alemão Das Testament des Vaters, em 1920. Foi traduzido para o espanhol por Jaime Ortiz para Editorial Vancu, Buenos Aires, em 1976. É uma obra importante para ser lida por quem já tenha a compreensão das idéias e do caminho percorrido por Moreno, para que possa senti-los em toda sua força de criatividade e espontaneidade.

Por coincidência ou não, vemos que a leitura da obra de Moreno para ser bem aproveitada, com resultados didáticos de aprendizagem, deve ser feita de trás para diante. Iniciando pelos livros publicados no momento de organização e consolidação de sua obra, o leitor terá uma idéia mais clara e vibrante, para em seguida aprofundar-se nas obras dos primeiros tempos.

# 2. Roteiro para Leitura em Ziguezague

Pode parecer apenas trabalhoso passar de um capítulo final de um livro para o início de outro, para o meio de um terceiro, voltar para o primeiro etc. Em que pesem tais dificuldades, parece-nos que pode também ser instigante seguir uma espécie de mapa ou, menos do que isso, uma trilha, para percorrer volumes da obra de Moreno, já que nem todos primam pela sistematização e parecem compostos ao calor da descoberta.

Sugerimos um contato imediato com uma sessão de Psicodrama realizada e registrada por Moreno, depois esclarecimentos de ordem metodológica e técnica por ele elaborados em outros momentos, em seguida as teorias com que fundamentou a prática, depois a leitura de uma outra sessão etc. Este é um roteiro que articula teoria e prática, abordando por aproximações sucessivas o objeto de estudo, o Psicodrama moreniano.

# "Passos":

- 1.º "Psicodrama de um Sonho", in Psicoterapia de Grupo e Psicodrama, VIII, op. cit.
  - 2.º "Métodos", idem, IV.
- 3.º "Princípios de Espontaneidade", in Psicodrama, seção IV, op. cit.
- 4.º "Tratamento Psicodramático de Problemas Conjugais", idem, seção VIII.
  - 5.º "Teoria e Prática dos Papéis", idem, seção V.
- 6.º "Etapas no Desenvolvimento de uma Típica Relação Matrimonial", idem, Seção VIII.
- 7.º "Terapia Psicodramática de Choque", in Psicoterapia de Grupo e Psicodrama, VIII.
- 8.º "Função do Diretor Psicodramático, do Ego Auxiliar e do Público", in Psicodrama, seção IV.
- 9.º "O Princípio", "Instrumentos", "Dinâmica da Terapia Psicodramática" e "As Primeiras Vivências da Criança", in Psicoterapia de Grupo e Psicodrama, IV.
- 10.º "Tratamento Psicodramático de um Comportamento Neurótico Infantil", idem, VI.
  - 11.º "A Família Terapêutica", idem, ibidem.
  - 12.º "A Sociometria e a Patologia do Grupo", idem, II.
- 13.º "A Microscopia Social", in Fundamentos da Sociometria, op. cit., livro III.

- 14.º "A Interação Social", idem.
- 15.º "Primeira, Segunda e Sexta Conferências", in Fundamentos do Psicodrama, op. cit.
- 16.º "Introdução à Terceira Edição do Original em Inglês", in Psicodrama, op. cit.

É claro que se o leitor seguiu parcial ou integralmente essas sugestões, já encontrou um roteiro pessoal, ditado por sua própria curiosidade, espontaneidade e criatividade. Além disso, resta-nos propor que confira a bibliografia ao final do livro.

# BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- Almeida, W. C., Formas do Encontro (Psicoterapia Aberta), Ágora, São Paulo, 1988.
- 2. Anzieu, D., Psicodrama Analítico, Campus, Rio de Janeiro, 1981.
- 3. Bustos, D. M., Psicoterapia Psicodramática, Brasiliense, São Paulo, 1978.
- 4. \_\_\_\_\_, O Psicodrama, Summus, São Paulo, 1982.
- 5. Bour, P., Psicodrama e Vida, Zahar, Rio de Janeiro, 1974.
- 6. Campos Netto, M. A., Teatro da Anarquia. Um resgate do Psicodrama, Papirus, Campinas, 1988.
- 7. Fonseca Filho, J. S., Psicodrama da Loucura, São Paulo, Ágora, 1980.
- 8. Garrido Martin, E., Psicologia do Encontro, Duas Cidades, São Paulo,
- 9. Gonçalves, C. S. et alii, Psicodrama com Crianças, uma Psicoterapia Possível, Ágora, São Paulo, 1988.
- 10. Lemoine, G. y P., O Psicodrama, Interlivros, Belo Horizonte, 1978.
- 11. Milan, B., O Jogo do Esconderijo, Novos Umbrais, São Paulo, 1976.
- 12. Monteiro, R. F., Jogos Dramáticos, McGraw-Hill, São Paulo, 1979.
- 13. Moreno, J. L., Las Palabras del Padre, Vancu, Buenos Aires, 1976.
- 14. \_\_\_\_\_, Psicoterapia de Grupo e Psicodrama, Mestre Jou, São Paulo, 1974.
- 15. ———, Fundamentos de la Sociometria, Paidós, Buenos Aires, 1972.
- 16. ———, Fundamentos do Psicodrama, Summus, São Paulo, 1984.
- 17. ———, Psicodrama, Cultrix, São Paulo, 1975.
- 18. ———, O Teatro da Espontaneidade, Summus, São Paulo, 1984.
- 19. Moreno, Z. T., Psicodrama de Crianças, Vozes, Petrópolis, 1975.
- Naffah Neto, A., Psicodrama, Descolonizando o Imaginário, Brasiliense, São Paulo, 1979.
- 21. ——, Psicodramatizar, Ágora, São Paulo, 1980.
- 22. \_\_\_\_\_, Poder, Vida e Morte na Situação de Tortura, Hucitec, São Paulo, 1985.
- 23. Perazzo, S., Descansem em Paz os Nossos Mortos Dentro de Mim, Francisco Alves, São Paulo, 1986.

### INDEX BOOKS GROUPS

- 24. Rojas-Bermudez, J. G., Introdução ao Psicodrama, Mestre Jou, São Paulo, 1977.
- 25. Romana, M. A., Psicodrama Pedagógico, Papirus, São Paulo, 1985.
- 26. Schutzenberger, A. A., Introdução à Dramatização, Interlivros, Belo Horizonte, 1978.
- 27. \_\_\_\_\_\_, Psicodrama, o Teatro da Vida, Duas Cidades, São Paulo, 1970.
- 28. Silva Dias, V. R. C., Psicodrama: Teoria e Prática, Agora, São Paulo, 1987.
- Silva Junior, A., Jogos para Terapia, Treinamento e Educação, Universitária, Curitiba, 1982.
- 30. Soeiro, A. C., Psicodrama e Psicoterapia, Natura, São Paulo, 1976.
- 31. Tiba, I., Puberdade e Adolescência, Agora, São Paulo, 1985.
- 32. Weil, P., Psicodrama, Cepa, Rio de Janeiro, 1978.
- 33. Weil, P. e Schutzenberger, A. A., Psicodrama Triádico, Interlivros, Belo Horizonte, 1977.
- 34. Widlocher, D., Psicodrama Infantil, Vozes, São Paulo, 1970.
- 35. Wolff, J. R., Sonho e Loucura, Ática, São Paulo, 1985.

# IDANO IEXA IBIO O IES

# ILICATION IE XI IB O O IS S GROUPS

DAG GRÁFICA E EDITORIAL LTDA.

Av. N. Senhora do Ó, 1782, tel. 857-6044

Imprimiu

COM FILMES FORNECIDOS PELO EDITOR

# I SIDE X BOOKES

### LIÇÕES DE PSICODRAMA

Escrito em linguagem acessível este livro apresenta, de forma didática e bem articulada, os conceitos fundamentais e as técnicas originais do Psicodrama. Situa, tais como foram formuladas por seu criador, J. L. Moreno, suas descobertas na história de sua vida e no contexto da clínica e de outras práticas psico e sociodramáticas, ampliando e sugerindo suas principais aplicações.

### Os autores

Camila Salles Gonçalves. Psicóloga, mestre em Filosofía pela USP, professora e supervisora pela FEBRAP.

José Roberto Wolff. Mestre em Psiquiatria pela FMUSP, professor-supervisor pela FEBRAP. Wilson Castello de Almeida. Mestre em Psiquiatria pela FMUSP, professor-supervisor pela FEBRAP.